THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ 9261
Book .B8P3

PAQUITA

POR

BULHÃO PATO

SEIS CANTOS

COM UMA CARTA

DO

SR. ALEXANDRE HERCULANO

2195
4298

LISBOA
TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6.
1866

PAQUITA

Est. d'Acad. Real B. A. de Lx.ª

PAQUITA

POR

BULHÃO PATO, Raymundo

Antonio de

SEIS CANTOS

COM UMA CARTA

DO

SR. ALEXANDRE HERCULANO

LISBOA
TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6.
1866

PQ9261
B8P3

387270
'29

AO SEU AMIGO

Alexandre Herculano

Offerece este livro

Bulhão Pato.

O meu poema é o sonho d'uma noite d'estio. Não se dirige a um fim, como a vida, como o amor.

HENRI HEINE.

CARTAS

Que precederam a publicação do primeiro canto da PAQUITA, em 1856

A Alexandre Herculano

Meu caro amigo:

O primeiro canto da *Paquita* vai sair finalmente a publico.

Apesar do seu pouco valor, parece-me ser esta a mais sofrivel das minhas tentativas litterarias. Eis a razão porque lh'a offereço. Acceite-a pois como tributo da amizade que lhe consagro.

Se as demonstrações sinceras não tomas-

sem, por assim dizer, um caracter official, quando são feitas em publico, confundindo-se com a portaria laudatoria do ministro que recompensa o zelo e actividade d'um empregado *de confiança* depois das lides eleitoraes, seria esta a occasião de revelar quanto lhe devo, e quanto me tem valido a sombra protectora da sua amizade; mas quem sabe? talvez que certa gente, cujo officio neste mundo consiste em damnar as coisas mais santas, attribuisse o que é gratidão singelamente manifestada, á vaidade mesquinha de pretender divulgar as intimas relações d'amizade que existem entre um homem obscuro como eu, e um homem do seu nome.

Ha pouco mais ou menos quatro annos que as primeiras estrophes d'este livro se começaram a escrever, como sabe, no seu agradavel retiro da Ajuda. Foi o meu amigo quem, depois de as ouvir, me animou a proseguir neste genero de poesia.

Procurei então ver se dava maior desenvolvimento ao plano primitivo, que não passava d'um esboceto, tratando de dispor as scenas e d'illuminar as figuras num quadro mais completo.

Os elegantes e esperançosos poetas da geração moderna, pouco depois da luta civil de 1846, entregando-se quasi todos ás discussões aridas e rancorosas da politica militante, haviam desgraçadamente voltado as costas ao eden risonho da poesia; e apenas de quando em quando João de Lemos, Mendes Leal, Palmeirim, e poucos mais, davam signal de vida numa ou noutra canção fugitiva.

Esta especie de adormecimento litterario, em que vimos cair os primeiros engenhos, explica-se talvez pela influencia da epoca em que vivemos. A poesia respira-se no ar, como a fragrancia das flores; e a atmosphera dos nossos dias, obscurecida pelo fumo das machinas de vapor, rouba aos

olhos as suaves e encantadoras perspectivas da natureza.

A fórma franceza, de que alguns se haviam servido com feliz resultado, não se amoldava na realidade tanto como a principio se acreditou, á indole, ao mesmo tempo energica e viril, suave e harmoniosa, da nossa lingua. Os talentos de segunda ordem, e depois um cardume de vates, cujo estro parecia, e parece ainda, inexgotavel, patentearam em breve os incuraveis defeitos que os poetas de verdadeiro merecimento tinham sabido occultar no rasgado vôo das imagens, e nas mimosas tintas do colorido.

Foi nesta situação que me lembrei de desenhar as scenas d'um poema da actualidade, tentativa audaz, da qual só me póde desculpar o desejo de ver se faço com que os que nasceram dotados de superior engenho cultivem o genero que se procura reproduzir neste imperfeito quadro.

Sei que o pincel mais habil e a mão mais firme devem tremer antes de gizar as primeiras linhas, e de distribuir as primeiras cores, na tela do lavor poetico. Hoje meço toda a difficuldade da empreza a que me arrojei, e sem falsa modestia declaro que reconheço, agora mais do que nunca, a minha insufficiencia para a levar ao cabo.

Aquelle que conseguir manter a singeleza elegante e a simplicidade graciosa, sem cair na vulgaridade, e moldar a linguagem eloquente e sonora, que Ariosto, Camões, e o Tasso pozeram na bocca dos seus heroes, pelos assumptos da vida real, não se elevando a ponto que transcenda os limites do natural, nem descendo de modo que a poesia deixe na prosa as suavidades do seu perfume, esse póde estar certo de que tem vencido uma batalha, e conquistado uma das mais virentes palmas da litteratura moderna.

Os poetas que nestes ultimos tempos ap-

pareceram sob tão brilhantes auspicios, em vez de diluirem o seu talento em curtas composições, que ainda assim revelam todo o esforço de que são capazes, porque o não consubstanciam numa obra de vulto, firmando num livro a reputação que difficilmente se poderá alcançar nessas folhas volantes, que se chamam jornaes?

Os modelos acham-se lá fóra. Se a epopeia antiga não podia existir depois da quéda dos deuses que povoavam o olympo, — Gœthe, Schiller, Klopstock, Byron, e Lamartine, provaram que a musa dos nossos dias, inspirada pela unção melancolica do christianismo, sabia elevar-se tão alto criando a epopeia moderna. É verdade que, para erguer um grande monumento d'arte, todas as faculdades do homem têem de votar-se exclusivamente a elle; e a intelligencia, que infelizmente vem quasi sempre desamparada dos bens da fortuna, vê-se compellida a procurar meios de subsisten-

cia em tudo, menos na vida das lettras, cuja penuria é proverbial.

Circumstancia notavel esta! A consciencia dos nossos governos, que por via de regra é dotada d'uma certa elasticidade, e corre desaffrontada de vãos preconceitos, em se tratando dos homens de lettras, torna-se d'uma severidade verdadeiramente catonica. Estão-se criando todos os dias *sinecuras* e *beneficios simples* para os filhos dos agiotas-barões; temol-os visto no paiz, e fóra d'elle, representar cargos eminentes, sem possuirem nenhuma das condições precisas para exercel-os; ha commissões e commissarios, secções e chefes de secção, que não fizeram, nem hão de fazer nada, porque têem impedimento dirimente para isso, e que, do alto da sua importancia, olham com desdem para a modesta posição do talento, que passa sem querer elevar-se á custa do proprio brio e da nobreza do proprio caracter...

Mas que tem isto com a humilde composição que lhe dedico? Absolutamente nada: foi, como vulgarmente se diz, um desabafo; e é agradavel tel-o no seio d'um amigo intimo.

5 de maio de 1856.

R. A. de Bulhão Pato.

Resposta

Meu poeta:

Agradeço-lhe cordialmente a offerta da sua *Paquita*. Não lhe agradeço menos a singeleza com que motiva essa offerta, evitando a si e a mim os derrancados cumprimentos com que se costuma ás vezes pungir a face a quem teve a desgraça de fazer alguns livros não absolutamente ermos de senso commum; e com que ainda mais vezes se assopra a vaidade dos que tiveram a fortuna de fazer outros só povoados d'inepcias. É que o meu amigo é

sobretudo homem de gosto, e o homem de gosto é sobretudo singelo.

Vi nascer a *Paquita*, essa filha da sua imaginação; vi-a crescer e engolfar-se num mundo vertiginoso, por onde o poeta a vai seguindo, e ao seu Pepe. Amei-a desde o berço, porque a *Paquita* representa na litteratura actual uma restauração, e nega um progresso: restauração santa, e progresso mentido.

Sabe o poeta o que é a sua obra, á qual, aliaz, como ha de sentir, não faltam defeitos? É a sequencia dos poemas-romances que illustraram a Italia desde os *Orlandos* de Boiardo e do divino Ariosto, até o *Ricciardetto* de Fortiguerra, grinalda esplendida tecida de milhões de flores, a que o espirituoso autor dos *Animaes fallantes* accrescentou novos festões tecidos de folhagens e flores novas, nascidas das inspirações da sua epoca.

A *Paquita* pertence a essa escola italia-

na, admiravel pelos seus caracteres essenciaes,—a variedade e a singeleza; escola que sabia bordar o matiz da vida real com suprema verdade na tela das criações mais fantasticas; que ria e chorava no mesmo canto e até na mesma estrophe, antes que Shakspeare risse e chorasse no mesmo acto, e até na mesma scena; escola que não nos deu Camões, porque os genios summos manda-os a piedade de Deus ás nações que têem de morrer numa lenta e vergonhosa agonia, para lhes alumiar o sepulcro com um raio de gloria; mas que deu aos *Lusiadas* muito do que nelles ha mais bello; do que os eleva acima de todas as criações analogas da arte moderna.

A *Paquita* é um protesto contra a poesia franceza que nos invadiu, e que, privada das harmonias metricas, até nos lança na caricatura d'outra caricatura, na imitação bastarda do seu monotono rythmo, saguão litterario, para onde mais d'uma

vez, nesta epoca de corrupção em tudo, ainda os melhores poetas atiram composições bellissimas no sentir e no pensamento; saguão que é o paraiso dos poetastros, e as delicias das nossas eruditas *blue-stockings.*

Nunca se achóu, como Dante, perdido numa selva escura,

Che la diritta via era smarrita?

Nunca tomou uma vereda por outra nos numerosos pinhaes das nossas provincias do sul? Quando, nesses labyrinthos de columnas rugosas, percebemos que nem as ondulações do terreno, nem as curvas caprichosas das sendas, nem os verdes oásis dos brejos são nossos conhecidos, retrocedemos sem hesitar até atinarmos com o direito caminho. Este retroceder é progresso. O distraído, ou o que ignora

d'onde vem ou para onde vai, é que continúa a seguir ávante. Só o insensato crê que caminhar sempre em frente é synonimo de progredir. A *Paquita* é o symbolo da poesia transviada que retrocede da estrada por onde andava erradia.

Agradecida a offerta, permitta-me que lhe ralhe um pouco:

O meu amigo é injusto quando vê na machina de vapor, no resumo da civilisação d'este seculo, a inimiga da poesia.

Eu já tive uma epoca em que pensava assim. Faz isso a inexperiencia e a irreflexão dos vinte e seis annos.

Não: a machina de vapor é um dom do ceo, um instrumento de progresso legitimo, uma fonte de commodos e gozos para o genero humano, como o foram o arado, o navio, a imprensa, para os homens que os viram nascer. A machina de vapor leva o agasalho, o conforto, a limpeza, a saude, ás choupanas do povo, onde, sem ella, só

habitaria por seculos a miseria extrema, com todas as suas dores e agonias. Não maldigamos os dons de Deus. O enxugar as lagrimas do pobre tem alta poesia.

Com a machina de vapor podem fazer-se tantas tolices e maldades como com a imprensa. E que prova isso?

O que mata a poesia é a morte moral das nações. O bello não póde existir sem o bom: nada mais diverso, e nada mais inseparavel.

Se o que nasceu poeta não escutar a voz da sua consciencia ainda virgem, no meio d'uma sociedade que se converteu num charco dormente, ha de succeder-lhe o que succede aos animaes palustres; tombar moribundo na vasa, e infeccionar os ares com o cadaver.

Na sua ainda curta existencia quantos talentos inspirados tem visto pullular, para murcharem e desapparecerem no oceano das vulgaridades apenas chegados á idade

viril? Perdeu-os um mundo perdido. Não creia que a vida positiva com os seus graves cuidados mate forçosamente nenhum dote do espirito.

A verdade poetica está na observação dos phenomenos da existencia, quer na ordem material, quer na espiritual; e sem verdade não ha poesia. Porque é esta, em regra, nas epocas de decadencia, empolada em vez d'elevada, arguta em vez de sentida? É porque a sociedade não crê rectamente, nem sente sinceramente; é porque a gangrena dos animos se decompõe em duas especies de corrupção: a do entendimento, que, desatinado, verte entre as multidões o paradoxo e o sophisma; e a do coração, que, engelhado, mente friamente aos affectos mais santos e intimos. O estilo é então na litteratura o que o vestido bordado, e as veneras e insignias são nos homens publicos: é, por via de regra, o pano recamado d'oiro sobre o

ataúde onde se esconde o corpo, que se dissolve já meio apodrecido.

Deixemos, pois, a machina de vapor no logar que lhe compete.

Quanto ao resto relaxe tudo ao braço secular.

Os governichos a que faz a honra de chamar governos, os agiotas-barões, os commissarios, os chefes, os sub-chefes, esse mundo official e semi-official, essa coisa informe, viscosa, fetida, que ferve, zumbe, coaxa, volteia por cima e á roda de nós, manche nella, se quizer, o bico da bota ao perpassar. Não me opponho a isso. Mas olhe que se bane a si proprio; que exorbita da sociedade; que enceta a via dolorosa dos desgostos de toda a vida. Fazer abespinhar os que foram, são, ou serão poder, não sai de graça. O silencio é preferivel ao martyrio, quando se tem vinte e seis annos, e diante dos olhos uma longa existencia.

Se corresse as lendas dos antigos martyres, havia de achar um facto mil vezes repetido: os tratos, sofridos com sublime constancia, terminavam pela morte. A cruz, as feras, o cutello, vinham dar á victima o osculo da eterna paz. Deus, indulgente para com a imbecilidade da carne, deixava por fim cumprirem-se as leis physicas nos seus eleitos.

Hoje as coisas mudaram: hoje quem dá testemunho contra essas corrupções de toda a especie que nos devoram, não morre, pena: pena nas suas crenças desmentidas, nos seus affectos ludibriados, na sua confiança traída, nas suas acções mais innocentes calumniadas; pena pelos covardes e entranhaveis odios que vem feril-o invisivelmente; pena pela meia injuria que se disfarça para não ser punida; pena nas privações a que se condemna, ou no trabalho arduo a que se resigna para as evitar; sacrifica-se na abnegação dos prazeres, nas

humilhações do amor proprio, para não vender a sua integridade moral ao demonio da corrupção. E neste penar, e lidar, e abster-se d'annos e annos, sente que é de mais no meio dos homens; que a sua consciencia é um gravame, uma accusação, quasi um insulto, para outras consciencias; sabe que o pintam como implacavel nas malquerenças, e sinistro nos designios. A sua austeridade é dureza; a franca sinceridade da sua linguagem, turbulencia e despeito; porque até os vocabulos se mudaram: a independencia é turbulencia; a indignação, odio; o nojo, despeito. Os poderosos detestam-n-o; os protegidos e dependentes esquivam-n-o. Ha nelle o que quer que seja do leproso e do empestado, pela mesma razão porque na republica dos loucos todos fugiam com medo das loucuras do sisudo. É um martyrio de todas as horas, de todos os instantes, que não se aprecia, nem se applaude, e que nem se-

quer serve, como o dos primitivos christãos, para impedir que os tibios vacillem na fé.

E depois para que presta a coxa justiça que se vai assentar sobre um tumulo? Consolará ella acaso o morto da perpetua hostilidade do mundo emquanto foi vivo? Pobre justiça humana, que reparas com palavras factos irreparaveis em si! Pobre justiça humana, que nesse caso não és senão um documento mais d'impudor! Que precisão tem de ti aquelle que emfim descança á sombra da justiça de Deus?

Se eu, meu amigo, fosse capaz de o instigar á villania, não lhe aconselhava o silencio, a abstenção: aconselhava-lhe que observasse esta sociedade que nos leva no seu enxurro, e que depois estudasse os ultimos escriptores da *Historia Augusta*, os historiadores byzantinos, e um dos mais instructivos livros que eu conheço,—a *Governação de Deus*, de Salviano; por fim pe-

dia-lhe que tirasse as consequencias praticas d'esses desanimadores estudos.

Conheceria que a geração que vai passando é a representante e a herdeira dos homens do Baixo-Imperio, e saberia como se é poderoso, opulento, bemquisto, em tão tristes epocas. Em Roma e em Byzancio eram os eunuchos os que influiam ás vezes em tudo: na paz e na guerra, nos tribunaes e no fisco. Hoje a mutilação é espiritual: basta ser moralmente eunucho. O envilecimento da alma é apenas o que se exige.

Consideral-o-hia, porém, como inhabil em aproveitar as lições da historia, se partisse desde logo da abjecção: perdia os effeitos das transições, das peripecias. No mundo romano, além do eunucho, havia o barbaro. Nos dilatados paroxismos do imperio, o barbaro, quando submettia a civilisação á barbaridade, dominava, mas dominava ainda mais quando submettia esta áquella.

O homem da raça germano-gothica, trocando a aspereza independente das tribus d'além-Rheno pelos esplendores e doçuras do viver civil, disputava ao eunucho a influencia na paz e na guerra, nos tribunaes e no fisco, e não raro supplantava-o, corrompendo-se, prostituindo-se como elle. A idéa que se fazia da hombridade dos barbaros, e o valor e a audacia, que eram os ultimos dotes moraes que elles perdiam, davam-lhes vantagem sobre o mutilado e debil filho da Asia, astuto, dissimulado, paciente, e cruel, mas timido. O *heer-koenig*, o *edling* godo, o chefe selvagem, romanisando-se, tinha certo o predominio.

Hoje as vagas da assolação rugem e baloiçam-se ameaçando subverter as nações velhas e gastas; mas essas vagas não rolam do norte ao meio-dia. Para os braços dos scythas modernos a espada de Attila é pezada de mais; e a sombra de Genserico, alongando os olhos sanguineos do

Wallalah para a terra, não descobre no meio das nações do septentrião guerreiros da sua estatura. Os germanos e slavos não estão com as lanças em riste nos confins do imperio; estão na base das sociedades, revolvendo-se a espaços, como Encelado debaixo do Etna. Os godos, os francos, os vandalos, os gépidas, os hunos, as mil tribus que foram a mão de Deus no génesis da civilisação moderna, são hoje as mil seitas que negam, não só as tradições das antigas monarchias, mas tambem os dogmas da vida civil; que negam a propriedade, a familia, a liberdade individual, a jerarchia, e pòr consequencia a civilisação e o progresso consubstanciados com esses dogmas; são as facções da democracia, exclusiva, ambiciosa, saturada d'inveja e d'odios encruecidos por longas oppressões, por desprezos injustos; são as escolas dissolventes, que, repudiando o passado, se aggridem mutuamente, mas que se unem debaixo de

um estandarte unico apenas sòa a hora de combater as classes civilisadas e corrompidas; é o vulgo que, do fôro onde tumultua, ora pensa que governa pela voz dos tribunos, ora applaude a tyrannia do primeiro soldado que o acaso ou o crime coroaram. Atravez de quinze seculos, duas barbarias, uma na historia, outra na actualidade, soltam unisonas o mesmo grito de exterminio. Para quem reflecte é facil antever a aproximação d'um novo génesis social num futuro mais ou menos remoto.

Eis o que d'um lado a historia, e do outro a observação, lhe diriam, meu pobre poeta!

Na quadra actual ser eunucho moral é uma grande ventura; mas o melhor meio de evitar as miserias da vida honesta é pertencer a alguma das novas tribus germano-slavas; distinguir-se por um profundo horror ás idéas, ás doutrinas, ás instituições do mundo social possivel; ser tribu-

no da plebe e depois converter-se á resipiscencia, continuando todavia a proclamar-se um *heer-koenig*, um *edling* teutonico da democracia.

E porque não? Stilicon, o heroe do Baixo-Imperio, nasceu vandalo; e o godo Alarico, destruidor de Roma, foi general da cavallaria romana.

Pelo que dizem os entendidos, a ex-democracia temporaria fomenta a democracia permanente. Os democratas barões, conselheiros, commendadores, chefes, sub-chefes, de que se lembra, estão livres de ser Stilicons e Alaricos; mas imitam-n-os como comportam as differenças do seculo XIX ao V: civilisam-se, apodrecem provisoriamente, aprendem a pisar com garbo as alfombras dos paços, reclinam-se com elegancia nas poltronas das secretarias, penduram a heraldica ao pescoço do socialismo, cozinham nas fornalhas ministeriaes os curatos, as magistraturas, as escrivaninhas, as preben-

das, as mitras, as commendas, as escolas; palmeiam nos theatros com luvas d'irreprehensivel brancura; agitam-se nos bailes esplendidos, embriagam-se nas mezas opiparas, recuam com asco diante dos andrajos do plebeu, e retiram a mão afeminada da mão callosa do villão que ousa estender-lh'a;—a erudição que mais os enleva é a genealogia. Sacrificam-se assim á democracia futura. De feito, Pedro, o chefe dos apostolos, achou que havia conjuncturas em que se devia negar Christo. Esta gente é essencialmente evangelica.

Se lhe repugna imital-os, meu amigo (e espero em Deus que lhe repugne sempre) tome o conselho que lhe dou: guarde silencio. Tire o chapeo á dança judenga que passa: respeite a crença publica e o progresso, que consistem em não crêr e em não progredir seriamente em coisa nenhuma; respeite sobretudo os parvos e os velhacos, porque a doutrina da omnipotencia

das maiorias é ponto de fé constitucional.

A carta que me dirige tem um sabor acre, e não sei se revolucionario: queime-a, e queime esta. Não é por mim: é por si.

Publique a *Paquita*, mas sem prologo. Só assim lhe poderão perdoar ter a sua tentativa — poesia, naturalidade, e senso-commum.

Ajuda, 20 de maio de 1856.

A. Herculano.

A...

. . . .

Ficção divina onde o meu ser existe,
Tu, que vens estancar com teus encantos
Ás vezes na minh'alma esmorecida
A torrente caudal d'acerbos prantos;
Tu, que és estrella e sol de minha vida,—
Se o teu semblante pensativo e triste,
Ao folhear esta singela historia,
Por momentos sorrir; se na memoria
Meu nome obscuro te ficar gravado,—
Ditoso morrerei tendo alcançado
Todas as palmas de sonhada gloria!

Maio 18 de 1860.

PAQUITA

Canto primeiro

Virgem d'olhos azues, pallida e triste,
Se esta palavra — adeus — banhada em pranto
Nalgum lance cruel já proferiste;
Se impia mão te roubou ao doce encanto
Do teu primeiro affecto para sempre, —
Virgem d'olhos azues, ouve este canto.

*

Hoje creio que a musa caprichosa
Me pretende levar ao sentimento;
Vou seguil-a, e desfira saudosa
Os sons da minha lyra ao fraco vento.
O verso não é bom, mas não me occorre
Nenhum outro melhor neste momento.

Se ao ler o meu poema palpitasse
O seio juvenil da formosura;
Se o pranto nos seus olhos borbulhasse...
Não o pranto d'angustia e d'amargura,
Mas aquelle celeste orvalho d'alma
Que provém d'uma fonte de ventura!...

A proposito agora: sempre o homem
É devéras um ser indefinivel!
As lagrimas que abrazam e consomem,
As que desprende d'alma a mão terrivel
Da dor e do ciume, oh! como as préza
Nos olhos da mulher esse ente horrivel!

Dos poetas então, Deus nos defenda!
Estes vão procurar por amor d'arte
Outra metade d'alma que os comprenda,
E procuram em vão por toda a parte...
Podem ser immortaes cá neste mundo,
Que não hão de encontrar quem os entenda!

Se uma lagrima pois (impio desejo
Que nos impelle a vel-a desprendida
Para a seccarmos num fervente beijo!)
Por nossa causa trémula e sentida
Brilha nos olhos da mulher amada,
Que ineffavel prazer temos na vida!

O egoismo, feição predominante
D'estes santos varões a que eu pertenço,
E tu, leitor, tambem, a cada instante
Apparece brutal, feroz, intenso!
Não se póde conter, resfolga sempre,
Até no meio d'um amor immenso!

É verdade tambem que a formosura
(E perdoem se a faço vingativa)
Tantas vezes se paga com usura
Do custo d'uma lagrima furtiva!...
Tantas vezes, meu Deus! que não sabemos
Se a derrama por fraca ou por altiva!

Porém seja o que for, sempre encantada
Transparece nos olhos da donzella,
Como orvalho de fresca madrugada
Sobre a rosa do campo alva e singela.
Ponto. Começo emfim tomando o fio
Da longa historia que vai ser narrada.

Paquita era a expressão de quanto ha bello:
Andaluza *pur sang*, alta e morena,
A cintura um annel, negro cabello,
Sorriso tentador, bocca pequena,
E d'essa pallidez com que nos pintam
Os beatos a martyr Philomena.

Pepe, seu primo, o typo mais perfeito
Do elegante hespanhol que póde ver-se:
Alto, engraçado, pallido, bem feito,
Olhar dominador, prompto a bater-se
Á mais leve questão de honra offendida
Num duello de morte peito a peito.

Ora é facil de ver que entre uma prima,
E um seu primo de quasi a mesma idade,
Sem passar do que o mundo nos intíma,
Possa haver uma certa liberdade,
Sobretudo se os dois viveram juntos
Desde a infancia em perfeita intimidade.

Era isto que aos dois acontecia.
Orfãos logo ao entrarem na existencia,
Com os gratos carinhos d'uma tia,
Modelo de virtude e de paciencia,
Da triste situação os compensára
A protectora mão da Providencia.

O doce extremo, a candida amizade,
Que na infancia os prendia, a pouco e pouco
Se converteu, passada certa idade,
Noutro affecto, em amor ardente e louco.
Um dia, emfim, em que ambos conversavam
Ao pôr do sol, na hora da saudade,

Pepito balbuciou... Não sei agora
Se disse alguma frase intelligivel;
É provavel que não; mas sei, leitora,
Que um aperto de mão imperceptivel,
Um longo e meigo olhar, fôra a resposta
Que recebeu da prima encantadora.

«É doce, entrando o lar no fim do dia,
Escutar os latidos impacientes
Que sólta o cão fiel; doce a alegria
Que notâmos nos olhos transparentes
Que esperavam por nós; doce acordarmos
Ao cantico das aves innocentes;

Doce o zumbir da abelha; a voz do infante
Nas primeiras palavras que profere;
A melodia languida e distante
Que das cordas da lyra a mão desfere;
Doce ao avaro a vista do seu oiro;
Doce uma prêsa ao marinheiro errante.

É para nós d'um jubilo profundo
Herdar d'um tio, que por teima infinda
Promettia esperar o fim do mundo;
Porém mais doce do que tudo ainda
É de certo o primeiro amor da vida
Transpirando d'um seio pudibundo!»

Dil-o o grande poeta. E, na verdade,
Não ha nada no mundo comparavel
Ao que a alma sente quando, em certa idade,
Se volve para nós o rosto affavel
Da primeira mulher que nos promette
Num sorriso a ideal felicidade.

Serena como a face da virtude,
Alegre como o sol da madrugada,
Suave como a nota do alaúde,
Risonha como a rosa perfumada,
Era a vida dos dois, e é quasi sempre
A nossa ao despontar da juventude.

Dura pouco! O destino, em certo dia,
Chega, fere, destroe com mão terrivel
As chimeras da leve fantasia!
E como um d'estes golpes é sensivel
Quando virgem ainda se alimenta
O coração dos sonhos da poesia!

Dona Eugenia era nobre, rica, e franca;
A seu tempo julgára conveniente
Que o sobrinho estudasse em Salamanca.
Julgando elle o contrario exactamente,
Cuidou morrer á idéa de ausentar-se
D'essa que amava com affecto ardente.

Inda quiz seduzir a tia amavel,
Prompta sempre a ceder aos seus desejos;
Oh! porém d'essa vez (caso notavel!)
Nem os rogos, o pranto, os ternos beijos
Do travesso andaluz, foram capazes
De abalar a sentença incontrastavel!

Na mesma noite da fatal partida
Ambos sós se encontraram á janella:
Paca triste, calada, e compungida;
Elle morto de dor ao lado d'ella.
Nisto a lua assomou pelo horisonte,
Num raro veo de nuvens envolvida.

Como a lua, meu Deus, é tentadora
Quando serena os campos alumia!
Já Byron fez notar que uma só hora
Da sua doce luz nos impellia
A commetter mais centos de peccados
Do que na estiva quadra um longo dia!

O silencio entre os dois era profundo.
O mancebo por fim disse a Paquita
O que diz em taes casos todo o mundo;
Por exemplo :—«Que noite tão bonita!»—
Isto pondo a tremer a mão no peito,
E abafando um suspiro ancioso e fundo.

Deus não quiz conceder-nos o talento
Que possue a mulher; nós não achâmos
Uma frase sequer em tal momento!
Será porque talvez mais adorâmos,
E debalde a expressão do que sentimos
Exprimir em palavras procurâmos?

Sou de voto que não; porque a verdade
É que affecto ideal, nobre, sublime,
Quem o sente com mais intensidade,
E com mais elegancia quem o exprime,
Do que esse fragil ser que foi composto
De tres quartos d'amor e um de vaidade!?

Paca disse por fim com voz sentida:
—«Oh! quem sabe se tu vais esquecer-me?!»—
—«Esquecer-me de ti, *sol de mi vida!*»—
—«Então juras que vens em breve ver-me?»—
—«Oh! se juro!...»—E sellára o juramento
Dando um beijo na amante extremecida!

Eu já disse que a lua é tentadora,
E accrescento tambem que, depois d'ella,
Não ha coisa talvez mais seductora
Do que fallar no vão d'uma janella
Á virgem recatada que adorâmos;
E vou dar a razão do facto agora:

Quando excita a mulher mais os sentidos?
Virtuosa leitora, o que pergunto
Oxalá que não fira os teus ouvidos;
Se tal acontecer sentirei munto,
Promettendo guardar desde este instante
Um profundo silencio em tal assumpto.

É no baile, passando arrebatada
No voltear da valsa delirante,
Com a fronte de rosas coroada,
Quando nos braços venturoso amante
O seu corpo gentil convulso aperta,
E ella corre feliz, bella, inspirada?

Nesse instante seduz, fascina, inflamma,
Resplendente de graça e gentileza,
Falla á imaginação; mas não derrama
Nos sentidos aquella *morbidezza*
Com que ás vezes a vida nos encanta
A suprema criação da natureza.

Responda-me o leitor sinceramente:
Quando sobre um sofá commodo e fofo
Se reclina a mulher languidamente,
E ao pezo range o variegado estofo;
Quando a vista descobre ávida o seio
Arfando sob a tela transparente;

Uma linda mulher d'olhos rasgados,
Bocca breve e vermelha como a rosa,
Tez morena, cabellos annelados,—
Não deve ser assim mais perigosa
Do que vista no baile entre a alegria
Do salão e da festa ruidosa?

Se a leitora gentil não se offendesse,
De certo que diria neste instante
Alguma coisa mais que me occorresse;
Mas tremo de passar um pouco ávante
D'essa lei de pudor com que este mundo
Peccados graves tanta vez empece.

Se este meu livro, por feliz acaso,
Pudesse ter nas mãos Vossa Excellencia
No momento em que esplende o sol no occaso;
Se a frescura do prado, e a grata essencia
Que do bosque respira, a decidissem
A ter a singular condescendencia

De ler esta passagem reclinada
Num viçoso tapete de verdura;
Se visse a propria imagem retratada
Na corrente da lympha fresca e pura...
Oh! certo que a leitora attentaria
No que tal posição tem d'encantada!

E... quem sabe? talvez nesse momento,
Simplesmente por mero effeito d'arte,
Lhe adejasse veloz no pensamento
Uma idéa, que emfim tem p'rigo em parte,
Mas deve-se tentar, e era d'um dia
Apparecer assim ao seu *sweet heart!...*

Asseguro que, se elle fosse artista,
Não passava do subito enthusiasmo
Que deve produzir uma tal vista.
Respeito, adoração, amor, e pasmo,
Tudo a um tempo d'assalto a impressional-o...
Pense bem a leitora na conquista!...

É por isto que o vão d'uma janella
Ha pouco declarei tão perigoso:
Naturalmente a timida donzella
Firma o rosto na mão; o corpo airoso
Acurva-se, fraqueia docemente,
Delicado, gentil, voluptuoso...

Então... eu sei!? talvez venha o desejo
De cingir esse corpo idolatrado
Com meiguice entre os braços; e não vejo
Que, depois de se haver o abraço dado,
Não se possa em seguida, sem maldade,
Imprimir sobre a face um terno beijo!

Deu-se isto mesmo com o nosso Pepe:
Nos braços a apertou, e um beijo ardente...
Espero agora que ninguem o increpe
Porque este, em vez de ser na ingenua frente,
Sobre os labios vermelhos da hespanhola
Convulso foi cair casualmente!

Que doce beijo! ó pallida Paquita,
Joven filha da bella Andaluzia,
Tu, chistosa e travessa morenita,
Sentirias a magica poesia
D'esse beijo, primeiro que na vida
Estranhas sensações no peito agita!

As rosas do pudor naquelle instante
Affrontaram as faces da donzella.
Oh! como era inspirada e fascinante
A expressão que assumíra o rosto d'ella!
Allucinado, louco, ébrio de gosto,
O gentil andaluz contempla a bella!

Como ao romper do sol numa alvorada
Do fresco mez d'abril, a fragil rosa,
Pelo orvalho da noite borrifada,
Cede ao pezo, curvando-se amorosa,
E uma a uma derrama as doces lagrimas
Sobre a relva macia e lanceolada,

Assim ella inclinou seu bello rosto!
Nos olhos negros trémulas bailaram
As cristalinas lagrimas de gosto,
E pela face emfim se deslisaram!
Sente-as elle nas mãos, leva-as aos labios,
Que sofregos num beijo as devoraram!

Resvalando no ceo puro e formoso,
As vecejantes varzeas inundava
De pallido clarão o astro saudoso.
Em borbotões saltando, derivava
Pelo valle a corrente rumorosa
No seu leito cavado e pedregoso.

D'entre a balseira espessa e perfumada
Os magicos modilhos desprendia
A voz do rouxinol; terna, inspirada,
A original canção repercutia
Pelos ecos da encosta, e mil affectos
Nas variadas endechas exprimia.

*

Mansinho a porta que ao jardim deitava
Entreabriu o hespanhol. Ella no braço
Do venturoso amante se amparava,
Mal podendo firmar o incerto passo.
Desceram ao jardim, por onde a brisa,
Recendendo fragrancias, suspirava.

Sobre o mais basto da florída relva
Mollemente inclinada jaz a bella,
Gemente agora como a voz da selva
Quando a sacode o vento da procella;
O mesmo rouxinol na mesma balsa
Sólta inspirado outra canção singela.

Ó timida innocencia, ó flor mimosa,
Quantos perigos este mundo encerra!
E tu, incauta, n'haste melindrosa
Sorris alegre contemplando a terra!
Ai! que não sabes como é breve a aurora
Que nas campinas aviventa a rosa!

E não sabes tambem quantas ciladas
Te circumdam a fragil existencia;
Quantos projectos e tenções damnadas
Fórma o homem na sua omnipotencia
Contra ti, debil flor, que basta um sopro
Para mudar-te neste mundo a essencia!

Um erro apenas, uma falta leve,
Um pensamento rapido que seja,
A fronte pura te desbota em breve.
És como o lyrio que no prado alveja,
Que ao sol abríra vecejante e bello,
Mas que um só dia d'existencia teve!

Pobre innocencia! e pobre sobretudo
De ti, leitor, que, vendo de repente
Arrojar-se ao estilo campanudo
A minha musa, cuidas certamente
Que, entrando nos dominios da elegia,
Começa a declamar em tom plangente!

Fica certo que não; e vais agora
Escutar a razão porque asseguro
Que a minha fada poucas vezes chora.
Se uma nuvem lhe tolda o rosto puro,
É rara sempre como as nuvemsinhas
Que se dissipam ao brilhar da aurora!

É que esta fada, esta ficção divina,
Que enamora o prazer, o mundo, a vida;
Que me anima a existencia, e me illumina
De vivissima luz;—esta querida
Companheira dos meus primeiros annos
Que me foi pelos anjos concedida,—

Descendo á terra fulgurante e bella
Pousou no Pindo; era uma noite amena;
De quando em quando vinha em torno d'ella
A doce aragem murmurar serena,
E sobre as aguas por instantes trémulo
Fulgia o lume de brilhante estrella;

Quando nisto seus candidos ouvidos,
Co'as vagas harmonias encantados,
Por mal distinctos sons foram feridos;
Mais e mais se tornavam pronunciados:
Era um clamor soturno e compassado
Como o terrivel dobre dos finados.

—«Que é isto, santo Deus?!»—disse, occultando
A face bella de terror gelada.
—«São os bardos d'agora improvisando,
Os da escola romantica chamada,
A primeira de todas as escolas,
Que os homens pelo mundo vão criando!»—

—«Romantica?!»—«Não sabes? sim, d'aquella
Que, pondo fóra as musas do Parnaso,
Só faz versos á tetrica procella,
Ao saudoso expirar do sol no occaso,
A qualquer coisa solitaria e triste
Lançada á terra pela mão do acaso.»—

—«Pois as gratas visões da antiguidade,
Irmãs minhas, e minhas companheiras,
Todas perfume, encanto, ingenuidade,
Innocentes, risonhas, prazenteiras,
Nascidas sob o ceo da culta Grecia,
Tambem foram banidas sem piedade!?»—

—«Ante os olhos não tens ermo esse monte,
Onde as nymphas outr'ora se agrupavam
Dês que Phebo assomava no horisonte,
E doces carmes de prazer soltavam,
Ora folgando sobre a fresca relva,
Ora assentadas junto á clara fonte?

Não vês essas encostas, onde a rosa,
Vecejando em constante primavera,
Segredava co'a brisa caprichosa,
Ou devastadas, ou cobertas d'hera?
Apagado na pyra o fogo santo
Que o estro de mil vates accendêra?!»—

Aquelle que estas frases proferia
Era um cultor da Arcadia, condemnado
A ver as gratas flores da poesia,
Que desde os tenros annos tinha amado,
Em pó desfeitas pela mão profana
Dos barbaros da quadra em que vivia.

A pobre musa alegre e descuidada,
Para as delicias do prazer nascida,
Vendo aquella expressão amargurada,
Ouvindo aquella voz cava e sentida,
Disse adeus ao cantor desventurado,
Fugindo commovida e assustada.

Veloz como o adejar do pensamento,
E anciosa de prazer, no mundo entrára.
Um acaso feliz nesse momento
Fez que em frente da estancia onde parára
Sentisse num palacio os sons festivos
D'um baile que ness'hora começára.

Mansinho entrou pelos salões a bella,
Vaporosa, risonha, encantadora.
O lume incerto de furtiva estrella,
A flor que nasce ao despontar da aurora,
N'haste flexivel seduzindo o amante
Com requebros d'amor a philomela,—

Quantas imagens cria a fertil veia
De certos menestreis descabellados,
Todas ellas não dão perfeita idéa
D'essa etherea visão d'olhos rasgados,
Azues-ferretes como o ceo do outono,
E de longas pestanas circumdados!

Eu vi-a, santo Deus! vi-a inundada
De torrentes de luz resplandecente,
Imagem do ideal no ceo gerada
Ao sopro criador do Omnipotente!
E foi então que o fogo da poesia
O estro me accendeu n'alma inspirada!

Oh! desde então, risonha e prazenteira,
Como o anjo da paz, sempre a meu lado
Vem pousar esta doce companheira:
No seu rosto suave e namorado
Sorri a inspiração, falla a ventura,
Scintilla a viva luz que Deus lhe ha dado!

Ás vezes, quando o som da *Ave-Maria*
Bate pausado na deserta ermida,
E no mar, occultando a face ao dia,
O sol inda reflecte luz sumida;
Quando se escuta o murmurar saudoso
Da clara fonte, ou da corrente fria,—

Na mão firmando o rosto pensativo,
Parece em certas horas que a domina
A tristeza que nasce sem motivo;
E não raro uma lagrima termina
Por tremer nos seus olhos, que se fitam
Sobre as aguas da veia cristalina.

Eis pois o seu retrato em poucos traços:
Inconstante e travessa doidejando,
Ora desprende as azas nos espaços
Do sentir ideal, ora, voltando
Á terra semsabor, contempla os homens,
E sorri d'este mundo nos meus braços.

Ficaremos aqui. É tempo agora
De tornar outra vez a atar o fio
Da historia principal. Ha mais d'um'hora
Que, escutando o suave murmurío
Da corrente e da brisa, nós deixámos
Os dois naquella estancia inspiradora.

Disse eu que a bella e pallida heroina
Sobre o mais basto da florída relva
Assentada ficou, que a voz divina
E caprichosa do cantor da selva
Suspirava na aragem repassada
No perfume do trevo e da bonina.

Nos olhos negros, morbidos, rasgados,
Scintilla o pranto; a voz languida expira
Nos seus labios trementes e córados;
Arrebatado elle a seus pés suspira,
E apertando-a depois d'encontro ao peito
Num extasi d'amor cego delira!

Ó musa! aqui neste p'rigoso instante...
P'rigoso digo, porque emfim, leitora,
Inexperiente o joven estudante...
Toda innocencia a prima encantadora...
E sós naquelle sitio ameno e bello
Quasi ao romper da aurora fulgurante...

Eu sei!... talvez... Porém Vossa Excellencia
Provavelmente agora determina
Que este assumpto se deixe em reticencia;
Obedeço e prosigo. A lua inclina
Do lado do ponente a face meiga,
E do nascente a aurora se illumina.

Os primeiros clarões da madrugada
Vem rompendo no ceo. O mato agreste,
Que as encostas da serra alcantilada
E os cabeços mais proximos reveste,
Exhala vivo e salutar perfume
Nas correntes da brisa embalsamada.

Vem rompendo a manhã; fatal momento,
Hora maldita para os dois amantes!
O sol desponta já no firmamento;
Restam apenas mais alguns instantes,
E depois, santo Deus! depois, quem sabe
Por quanto tempo viverão distantes!

Separados devia ter escripto
Em vez do termo de que usei acima;
Porém, mudando o que ficava dito,
Era forçoso desmanchar a rima,
E tu, leitor bondoso e compassivo,
Desculpas-me de certo este delito.

Paquita ergueu a fronte desmaiada.
Pobre lyrio do val! não vês a aurora,
Não te anima o fulgor da madrugada,
Melancolico pendes nesta hora,
Quando os raios do sol que vem rompendo
Te illuminam a face demudada!

—«É forçoso partir!—disse agitado
O joven andaluz—morrer, querida,
Oh! morrer de saudade, separado
Da mais bella porção da minha vida!»—
Depois os labios d'ambos se juntaram
Num beijo terno, ardente, demorado.

Se os reflexos do ceo nesta existencia
Não tivessem de ser tão limitados;
Se a omnipotente mão da Providencia
Os annos que nos são determinados
Resumisse num dia de ventura,
Num'hora de prazeres encantados;

Se o prisma enganador da juventude,
Que aos olhos d'alma nos reflecte o mundo
Como um eden d'amor e de virtude,
Não trouxesse depois descrer profundo
Quando se rompe desfazendo o enlevo
Que a razão por instantes nos illude,—

A vida então... Emfim seja cortada
Esta verba de idéas mal seguras;
Quebram-se os lances, fica a acção parada,
Destroe-se a *mise-en-scène* das figuras,
Quando na parte principal do drama
Se demora o autor em conjecturas.

Mais um momento, e ficarão perdidos!
O derradeiro adeus em vão procura
Sair d'aquelles peitos opprimidos
De saudade, d'angustia, e d'amargura!
Adeus! palavra que nos labios d'ella
Se não profere, expira entre gemidos!

Eis pois da nossa historia terminado
Quasi de todo este primeiro canto;
Pelo menos o lance apaixonado,
De que eu, confesso, receiava tanto,
Por ser dos pontos que me aterram sempre
Na *Odyssêa* que tenho projectado.

Paquita, dentro em pouco debruçada
Na mais alta janella, descobria
Lá distante, no fim da longa estrada,
Inda o nosso estudante, e respondia,
Agitando convulsa o lenço branco,
Aos acenos que o primo lhe fazia.

Depois, quando de todo se encobriu...
Depois... Pense a leitora intelligente,
Que, se ainda na vida não sentiu,
Adivinha de certo a dor pungente
D'uma tal situação,—pense na magoa
Que o pobre coração lhe comprimiu!

Nos primeiros momentos dilacera
Do coração as fibras, sem piedade,
Esta palavra — adeus; depois lacera,
Não vem talvez co'a mesma intensidade,
Mas oh! que mata a vida a fogo lento,
A dor que fica, e que se diz — saudade!

O prado é bello, alegre na campina
A rosa agreste que perfuma a brisa,
Fresca a veia da fonte cristalina
Quando entre flores trépida deslisa,
Saudoso e grato divagar nas veigas
Á luz da tarde quando o sol se inclina;

Mas é sabido que, se n'alma existe
Uma idéa profunda e dolorosa,
Com tal aspecto torna-se mais triste;
Sobretudo se o bosque, o prado, a rosa,
Este monte, este valle, este arvoredo,
Nos recordam d'um'hora venturosa!

Dona Eugenia, excellente criatura,
Vendo crescer de dia para dia
Aquella irresistivel amargura,
Esteve quasi (incomparavel tia!)
Decidida a fazer o casamento,
No qual havia muito reflectia.

Uma tarde, Paquita, percorrendo
Um jornal que lhe tinham enviado,
De repente córou estremecendo!
Quem diria! era o nome idolatrado
Do primo seductor, que nesse instante
A seus olhos se havia deparado

Sob uns versos, leitora, dedicados...
A quem, sabemos nós; mas no momento
De ver ante seus olhos deslumbrados
Outro nome, um terrivel pensamento
Lhe alvorotára o coração no peito:
Era emfim o ciume violento!

*

Não passára de sombra fugitiva
Que a luz do sol instantes encobriu.
Varrida em breve pela aragem viva,
O pranto nas pupillas refulgiu, —
O doce pranto que a alegria esparge,
E facil pelo rosto se deriva!

Versos a Julia! pois, sob este nome,
A primeira explosão apaixonada
Da profunda saudade que o consome
Apparece na rima descuidada,
Na voz que inda se eleva debilmente,
Mas graciosa, sentida, e cadenciada!

Emfim, para mais clara intelligencia
D'esta acabada e classica epopeia,
Vou dar a traducção. Tenha paciencia
O erudito leitor se a minha veia,
Que se não presta, como tenho dito,
Á fórma de trabalhos d'esta essencia,

O sentimento, o mimo, a singeleza,
Que inspiram o poeta enamorado,
Transtornar na versão. Toda a belleza
Consiste no perfume delicado,
Na luz que anima d'acertadas cores
As figuras d'um quadro aprimorado;

Oh! consiste, bem sei! mas onde pára
O divino poder com que o artista
Esses magicos toques espalhára?
Debalde intenta procural-o a vista;
Avaro esconde no mais fundo d'alma
O segredo que Deus lhe confiára!

Divago sempre! começava agora
Na esthetica do assumpto. Felizmente
Arrependi-me a tempo; e tu, leitora,
A quem devo rogar humildemente
O completo perdão d'esta delonga,
Vais escutar os versos finalmente:

A Julia

Naquella deserta ermida
Que alveja na serrania,
Deu signal, Julia querida,
O sino da *Ave-Maria*.

Este som tão conhecido
Da nossa innocente infancia,
Como agora vem sentido
Trazer-me viva á lembrança
Toda essa doce fragrancia
D'aquelle existir d'então!...
Ai! lembrança não, saudade!
Saudade, Julia, tão funda,
Mas tão grata, que me inunda
De ventura o coração!...

Espera!... Se neste instante
Mandasse á terra o Senhor
Anjo de meigo semblante,
E aos dias d'aquella idade
Nos tornasse o seu amor...
Oh! responde-me, querida,
Se quanto depois na vida
De bello nos ha passado,
Não devêra ser trocado
Por esses dias em flor,
Que lá vão! Lembras-te ainda?
Tu risonha doidejavas
Por entre as moitas de flores,
Como ellas fragrante e linda!

Quando o som pausado e lento
D' *Ave-Maria* escutavas,
Com que fundo sentimento
Aos pés da cruz te prostravas,
E os olhos no ceo cravando
A santa oração rezavas!

Que fronte d'anjo era a tua
Vista ao reflexo amoroso
Dos frouxos raios da lua!

Uma tarde, ao pôr do sol,
No recosto pedregoso
Do monte nos encontrámos;
Lembras-te? ess'hora bateu,
Porém nós mal a escutámos!
Os olhos tu perturbada
Baixavas, e no semblante
Não sei que luz te brilhava!
Eu sei que naquelle instante
O prazer me enlouqueceu!
Oh! fatal loucura aquella!
Tinha-me ali tão perdido,
Que, sem mais ver, delirante
Nos braços te arrebatei!

Não sei por onde vagava,

Nem quanto, nem como andei;
Só me lembra que a ventura
O meu ser arrebatava,
E que aos incertos lampejos
Das estrellas desmaiadas
Imprimi ardentes beijos
Nas tuas faces rosadas!
Foi breve aquelle delirio;
Ao menos breve o julguei;
E quando outra vez á vida
Do sobresalto voltei,
Desbotada como um lyrio
Pelos vendavaes batido,
Nos meus braços te encontrei!

Canto segundo

Vate sentimental, cantor das ellas,
Sempre triste, sombrio, e carregado,
Como a noite sem lua e sem estrellas;
Retrato finamente desenhado
Dos Antonys, Renés, e *tutti quanti*
A inspiração do genio tem criado;

Byroniano cultor d'uma poesia
Soturna como a lampada que o templo
De luz incerta e debil alumia,—
Quantas vezes attonito contemplo
As obras de teu genio transcendente
Quando chegam a ver a luz do dia!

Chefe da situação (já vês que alludo
Á situação das lettras, nada mais)
O que a mim me arrebata sobre tudo
É ver a perfeição com que tu vais
Disciplinando em pellotões a rima
Quando sóltas teus cantos immortaes!

Se um dia calculares a influencia
Que póde ter na ardente mocidade,
Tão cheia d'illusões e d'innocencia,
Saber que, descarnando a sociedade,
E sondando as paixões, só tens achado
Que não vale um real esta existencia!...

Gœthe e Schiller, terrivel erudito,
Bem sabes que se viram condemnados
A cobrir de ridiculo infinito,
Quasi logo depois de publicados,
Dois escriptos dos seus, cuja leitura
Fôra fatal a jovens exaltados!

Bardo d'inspiração, descanta embora
A luz da estrella, o lyrio da campina,
O Tejo de cristal, a fresca aurora,
Os effluvios da rosa matutina,
A vida, as illusões, o sol da gloria
Que o brilhante futuro te illumina;

Porém cantar a dor, alma inspirada!
A cruz singela de funerea campa,
Que aos reflexos da lua enamorada
Sobre lapide humilde o vulto estampa!
A sombra esguia do cypreste lugubre!
Os tristes goivos da glacial morada!...

Por piedade co'a pobre juventude
Vê se abraças o heroico pensamento
De votar esse tetrico alaúde,
Não direi ao completo esquecimento
(Deus nos livre de tal!) mas ao serviço
D'outras coisas de menos sentimento!

Comtudo hei de pedir a Deus piedoso,
Nas situações de horror, d'angustia, e pranto,
O fogo do teu genio portentoso.
Será para depois! E no entretanto,
Tu, risonha ficção, travessa musa,
Dize aonde ficámos no outro canto.

Ficámos no momento em que a leitura
D'aquella romanesca poesia
Orvalhára de pranto a face pura
Da candida heroina. E quem diria
Que as meigas frases d'alguns pobres versos,
Tão repassados d'infantil ternura,

Seriam causa, e causa desgraçada,
De scenas para as quaes nesta *Odyssêa*
Me soccorri á musa desgrenhada
De certo vate, cuja facil veia
Tem o dom d'elevar qualquer assumpto
Ás honras da mais classica epopeia!

Por culpa minha, e culpa imperdoavel,
Não tem inda o leitor conhecimento
De certo nome historico e notavel,
De que passo a fallar neste momento,
Com a venia devida a um personagem
De tão grande influencia e valimento.

Vou tratar d'um Doutor que é respeitado
Profundamente em toda esta cidade:
Homem grave, erudito consummado,
Dado ás musas na sua mocidade,
Hoje entregue a questões mais transcendentes,
Como é proprio tambem da sua idade.

Vamos pois desenhar o seu retrato:
Doutor Placido... O nome é conveniente
Dizel-o aqui? não sei; porém o fa'to,
É que ás primeiras linhas toda a gente
Diria, contemplando a minha copia:
—«Olha, é ver o Doutor exactamente!»—

Sobre o rosto d'aspecto magestoso,
Posto que já passante dos cincoenta—
(Caso raro!) animado e vigoroso
O fogo juvenil inda se ostenta;
Inda o mesmo do tempo em que Natercia
Accendia o seu estro prodigioso.

A critica mordaz, baixa, e mofina,
Tem ousado insultar o illustre nome
Do famoso Doutor em medicina.
Elle ri-se da inveja que a consome!
Talento singular, alma elevada,
Condoe-se d'essa gente pequenina.

Inda ha pouco que um certo poetastro,
Nuns tristes folhetins que publicára,
Quiz offuscar o brilho d'esse astro:
Entre diversas coisas que affirmára
Atreveu-se a dizer que o Doutor Placido
Não passava de ser um Dulcamára!

E tudo isto porquê? porque em São Bento,
Numa questão renhida e transcendente,
Das mais graves que teve o parlamento,
O Doutor, animado de repente,
Soltára as cataractas da eloquencia,
Dizendo numa apostrophe excellente:

—«Quando, ó rubido Baccho das collinas,
Abraçando-te ás nymphas encantadas,
Que saltam pelas veias cristalinas
Dos outeiros, dos montes, e quebradas...» —
Aqui devo dizer que os circumstantes
Romperam em famosas gargalhadas.

Despeito natural de certas almas!
O orador proseguiu, mas convencido
Que havia conquistado novas palmas.
Afinal terminou desfallecido;
O suor da hydropathica eloquencia
Alagava-lhe o rosto intumecido!

Mas deixemos de parte este episodio,
Em que a inveja d'amigos refalsados,
Muitas vezes peior talvez que o odio
Dos nossos inimigos declarados,
Dera causa a trezentos epigrammas
Venenosos, covardes, e acerados.

Partidario dos nobres sentimentos
Da sempre bella e santa liberdade,
O Doutor, aos primeiros movimentos
Que o progresso intentou nesta cidade,
Conspirou como heroe, expondo a vida
No meio de tumultos violentos.

Frustrada a tentativa, errado o alvo,
Quiz emfim compassiva a Providencia
Que escapasse da luta são e salvo,
E da alçada tambem, cuja consciencia
De certo o levaria ao cadafalso
Em nome da evangelica clemencia.

Ao ceo da patria resplendente e puro
Dizendo adeus com olhos lacrimosos,
E com tenue esperança no futuro,
Corrêra pelos mares procellosos,
Procurando no exilio alguma terra
Que lhe desse um abrigo mais seguro.

Quinze dias depois de haver deixado
A patria que na infancia lhe sorríra,
Chegára a Inglaterra o malfadado,
E mais vivas no peito então sentíra
Redobrarem as magoas da saudade
Co'a lembrança de quanto havia amado.

Na dura posição dos emigrados,
E no pleno calor da juventude,
Desferiu alguns cantos magoados
Das cordas do romantico alaúde
Com certa inspiração; e, na verdade,
Os versos a Natercia dedicados,

Dos quaes é de suppôr que tenha idéa
O erudito leitor, sinceramente
Revelavam ás lettras, como estreia,
Não direi um engenho transcendente,
Mas emfim esse dom de quem co'as musas
Em suave consorcio se recreia.

O poder tutelar da Providencia,
Vendo o estado do nosso foragido,
Quiz adoçar-lhe as horas da existencia,
E fel-o dentro em pouco conhecido
D'uma illustre familia, em cujo seio
Encontrára a mais grata convivencia.

Por certo que o leitor e que a leitora
Quem eram as amaveis estrangeiras
Desejam com razão saber agora:
Saibam pois que eram tres as companheiras
Do nosso bom Doutor, tres divindades,
Innocentes, risonhas, e fagueiras.

Semelhantes ás candidas imagens
De que falla o cantor da *Dona Branca*
No poetico livro das *Viagens*,
As tres, com affeição sincera e franca,
Receberam o pobre foragido
Que proscripto arribára a taes paragens.

Tambem junto das margens do Tamisa
Não tinham ellas visto a luz do dia:
O vivo aroma da inconstante brisa,
E o fulgurante ceo da Andaluzia,
Desabrochára as tres, como tres graças
Desabrocha num sopro a poesia!

Ó meu caro leitor, neste momento
O nome da mais velha e mais formosa
Não te póde acudir ao pensamento!
Sabe pois que era Eugenia, a carinhosa
E affavel tia, com que desde muito
Travámos familiar conhecimento!

Então no pleno sol dos vinte e tantos,
Como a rosa ao brilhar da madrugada
Sorria no esplendor de seus encantos.
(É boa a imagem, porém já cançada!)
Nesse tempo era emfim candida e bella,
E, além de tudo mais, era casada!

Embora fosse *hidalgo* consummado,
Fallando com brutal sinceridade
O esposo que lhe fôra destinado
Não passava de rasa nullidade;
Tambem ella acceitára seu marido
Como hoje acceita o povo a Magestade.

E nisto, seja dito ingenuamente,
Á elegante hespanhola pertencêra
O *brevet d'invention* que muita gente
Pretende dar por seu na nossa era:
Transformára o marido num *principio*,
E prestava-lhe um culto reverente.

Seu espóso era um rei sob a influencia
Do systema actual: representava
A santa instituição, cuja existencia
Dona Eugenia devéras acatava;
E, tendo os privilegios da corôa,
Reinava, sim, porém não governava.

De repente ella um dia decidiu
Ir ver as maravilhas d'Inglaterra;
D'essa vez o marido resistiu,
Teimando em não deixar a sua terra;
Porém *(ça va sans dire)* apesar d'isso
O marido ficou e ella partiu!

Partiu, e na suave companhia
Das outras duas pombas, Julia e Clara, —
As graciosas irmãs que extremecia!
A macilenta inveja murmurára
Vendo a fleuma do esposo, que impassivel
Em tão grave questão se conservára.

Quando é que mais ou menos não procura
Esta inimiga do prazer alheio
Vasar no coração da criatura
A peçonha infernal que traz no seio!
Nunca jámais! e temos neste caso
Inda mais uma prova bem segura.

Dona Eugenia casára, e, na verdade,
Devia obedecer a seu marido,
Segundo as santas leis da sociedade;
Mas, segundo um convenio resolvido
Por ambos na harmonia mais perfeita,
O principio commum fôra abolido

Por diversas razões, que vão agora
Ser expostas aqui succintamente;
E a primeira é que a esposa era senhora...
Parece-me, ó leitor intelligente,
Que as outras todas se resumem nesta:
Senhora... de riqueza transcendente!

O marido era nobre, ah! muito nobre;
Da mais velha e mais pura fidalguia,
É verdade tambem; mas do mais pobre
Que toda a vasta Hespanha possuia!
Circumstancia fatal, e assaz frequente
Na illustre classe a que elle pertencia.

Ella rica, formosa, interessante,
Na flor da vida, quando seu esposo...
Havia quem o achasse inda galante,
Quem ousasse dizer que era formoso,
E seria, talvez!... porém a idade...
E o seu passado um pouco extravagante...

Quando elle, na notavel situação...
Este agudo é cruel, mas o sentido,
Quer dizer a difficil narração
De quanto se refere a este marido,
Permitte que se appliquem os agudos
Contra todo o principio conhecido!...

Quando elle, digo... Emfim não digo nada,
Senão que Dona Eugenia resolvêra
Partir suavemente acompanhada
Das formosas irmãs, e que o fizera,
Deixando ás santas linguas dos *tartufos*
O direito da acção ser condemnada.

Ás nossas tres amaveis andaluzas
Fôra, pois, o Doutor apresentado.
O curioso cultor das castas musas
Declarou-se primeiro apaixonado
De Julia, santo Deus! depois de Clara,
E em seguida de Eugenia, o desgraçado!

D'este ponto começa a minha historia
A tornar-se enredada; de tal modo,
Que desconfio muito que a memoria
Me venha a abandonar por fim de todo.
Se tal acontecer, que será feito
Do edificio em que eu punha a minha gloria!?

Cai desfeito no pó do esquecimento,
Como todas as obras d'este mundo!
Será pena, porque este monumento
Tinha um fim reservado, um fim profundo,
Um fim que eu não direi, porque receio
Que me queiram roubar o pensamento!

Julia foi a primeira a captivar-se
Do melifluo Doutor; mas de repente
A primeira tambem a desligar-se
D'aquelle amor, um pouco impertinente
Para o seu coração, habituado
A mudar d'impressões constantemente.

Dizia a provocante morenita
Co'o chiste especial que a distinguia:
— «*Me incomoda el Doctor, sabes, Clarita?*» —
E, quando o desditoso apparecia,
Tentava embalde suffocar o riso
Ao ver aquella cara d'elegia.

A irmã mais nova, boa e compassiva,
A innocente Clarinha, desde logo,
Com o seu coração de sensitiva,
Procurára seccar ao brando fogo
De seus olhos serenos e formosos
O pranto d'uma dor que era tão viva.

Tornou-se em confidente; e, neste mundo,
Não se póde encontrar de certo um meio
Para curar em breve um mal profundo
Mais efficaz, mais prompto, do que o seio
Da mulher elegante, moça, e bella,
A quem nos confiâmos sem receio.

Dentro em pouco a gentil consoladora
Era a musa, era a diva, era o encanto
Do poeta Doutor. A fresca aurora
Quando abre apenas o virgineo manto
Não é mais casta, mais graciosa, e linda,
Do que era a hespanholita seductora.

Quatro mezes d'amor e de ternura,
De suaves e longas confidencias,
Como instantes de magica doçura
Voaram para aquellas existencias.
Depois... oh! quem não sabe neste mundo
Quão breves são as horas da ventura!...

O Doutor era um tanto ciumento...
Ciumento de mais! um bello dia
Em que estava *fazendo sentimento*...
A expressão é da moda, e não podia
Cair em parte alguma tão a tempo,
Nem exprimir melhor o pensamento...

Descobríra num quarto, que ficava
Defronte exactamente da janella
Onde ás tardes e ás noites costumava
Passar algumas horas junto d'ella,
A pessoa talvez que nesta vida
Do mais profundo d'alma detestava.

Quem seria, leitor? Um estrangeiro
Como elle nessa terra, e partidario
Das mesmas opiniões; um companheiro
D'infortunio tambem, que o vento vario
D'este mundo fallaz expatriára,
Mas que inda achou um solo hospitaleiro.

O nome? Visto que... como a pessoa
Que tem de figurar nesta passagem
É muito conhecida por Lisboa,
Onde tem por mil vezes com vantagem
Alcançado victorias, que de certo
Perdia qualquer outro personagem...

O nome... não direi. Arrependido
Sabe Deus como estou por haver dito
O do nosso Doutor! Já tenho ouvido
Que, assim que saia á luz o meu escripto,
Hei de ter contra mim a flor, o mimo,
De quanto ha por ahi mais conhecido!

Vamos dispôr a acção: carga cerrada
Pelo esquadrão fatal das *preciosas*,
Vindo á frente a leôa desdentada,
Leôa que nas garras poderosas
Da sua erudição faz em pedaços
A victima que apanha descuidada.

Dona I... Dona L... Dona S...
A Viscondessa D... Como seria
Ditoso neste instante se pudesse
Dizer... mas isso não! O que dizia,
O que digo, é que á frente da columna
Virá essa que o mundo reconhece

(O nosso mundo ao menos) ser primeira
Na fluencia, no fogo, e no talento
Com que leva a fallar a vida inteira,
Sem se calar ao menos um momento,
Diluindo por centos de palavras
Apenas um *dx* de pensamento.

Bem sei que vou cair no desagrado
D'esse teu coração, notavel dama,
Coração que anda sempre apaixonado,
A julgar pelo fogo que inda inflamma
O teu rosto, que está... na flor, não digo,
Porém perfeitamente conservado!

Erudita immortal, com que finura
Tens sabido enganar a sociedade!
Na quadra em que declina a formosura,
Nessa crise fatal de certa idade,
Estacaste, tenaz conservadora,
Por um supremo esforço de vontade!

Os *trinta de ha dez annos* são agora
Os mesmos trinta em ti, e toda a gente
Pasma ao ver a frescura seductora
D'essa face animada e resplendente,
Onde as rosas da plena juventude
Por outras se trocaram habilmente!

Traidora ruga em tua fronte bella
Ás vezes a curioso circumstante
Revela... Mas emfim o que revela?
A idade? e porque não a acção constante
Do profundo pensar d'essa cabeça,
Onde o genio trasborda a cada instante?!...

Malditas distracções! sobre este assumpto
Nem uma linha mais! Placido estava...
Disse ha pouco tambem que estava junto
De Clara e da janella que ficava
Defronte d'aquell'outra onde surgíra
Alguem que elle devéras detestava.

—«Olá, Doutor! aqui?! Aureo e jucundo,
Sempre terno, ditoso, enamorado,
É o ser mais feliz que ha neste mundo!»—
Pois, verdade verdade, o *desdichado*
(Como dizia Julia) nesse instante
Estava totalmente transtornado!

A voz que estas palavras proferíra
Era fresca, sonora, insinuante.
Clara olhou; e de facto, quando víra
O masculino e seductor semblante
Do joven portuguez, disse córando:
—«Doutor, o seu amigo é bem galante!»—

A fleuma habitual do nosso Placido
Deixou-o d'essa vez completamente,
Como a rima me deixa... porque *fla'cido*,
Esdruxulo que vinha optimamente,
Não faz sentido aqui; e, depois d'isto,
Fica a estrophe perdida infelizmente!

Clara, sorrindo, olhou; elle fervia
Em ira atroz; depois disse, tratando
De disfarçar a raiva que sentia:
—«É quasi noite, o ar vai resfriando,
Se lhe parece vamos da janella...»—
Clara disse que sim, mas foi ficando.

—«Corre frio, não acha?—proseguiu,
Enxugando o suor—esta humidade...
Numa tal estação... nunca se viu!...»—
Por desgraça era um dia em que a cidade
Abrazava em calor, que tambem Londres
Tem calor de tamanha intensidade!

D'essa vez, vendo o rosto apparatoso
Do erudito Doutor, foi-lhe impossivel
Reprimir um sorriso malicioso;
Sorriso que no animo irascivel
Do despeitado amante fôra causa
D'um ataque de colera indizivel.

O volcão rebentou; e o resultado
Quem podia suppol-o, oh! quem, leitora!
Pois foi Clara affirmar que era escusado
Declamar por espaço d'uma hora,
Quando em quatro palavras se dizia
Que ficava entre os dois... tudo acabado!...

Como a travessa irmã, esta inconstante,
Mas sympathica e bella criatura,
Disse adeus ao Doutor. O pobre amante,
Nos accessos de zelo e d'amargura,
Depois do desenlace, esteve quasi
Vai não vai a cair na sepultura!

Quantas vezes o homem, como um louco,
Corre apoz a ventura, e quer achal-a
Em vão longe de si, quando bem pouco
Lhe seria mister para encontral-a!
Quantas vezes a tem quasi a seu lado,
E o desvairado sempre a desprezal-a!

De repente uma luz lhe dá na vista,
E vê surgir a deusa caprichosa
Que tão difficilmente se conquista!
Dona Eugenia, a mais velha e mais formosa
De todas as irmãs, subitamente
Surgíra, como imagem luminosa,

Aos olhos do Doutor encyclopedico,
Que entre parvo e abstracto a contemplava.
Bardo, conquistador, soldado, e medico,
Por onde andavas tu? quem te offuscava
D'esse modo a razão, para não veres
Que o thesoiro encantado ali parava?

Que ella só, Dona Eugenia, é que podia
Apreciar-te os arrojos do talento,
Vibrar todas as cordas da poesia
Em tua alma, volcão de sentimento,
Que, a não ser a cratéra da eloquencia,
Rebentava de certo um bello dia?!

Clara tinha acceitado abertamente
A côrte ao portuguez, que se alojára,
Como acima dissemos, mesmo em frente
Da janella onde Placido o avistára
Naquella horrivel tarde. Dentro em pouco
A paixão grandemente se augmentára;

E alguem disse ter visto, a horas mortas,
Descer uma criada sorrateira,
Pé aqui, pé ali, abrir as portas,
Esta, aquella, chegar á derradeira,
Á da rua, e depois... depois... quem sabe?...
Nunca falta uma lingua enredadeira!...

A verdade é que Placido, saindo
Uma noite d'ao pé de Dona Eugenia,
No instante em que se estava despedindo
Com toda a submissão e toda a venia
Que distingue um perfeito cavalheiro,
Suppoz que perto d'elle andavam rindo,

D'aquelle riso a custo comprimido
Com que ás vezes alguem o saudava;
Foi-se embora, mas foi-se decidido
A tornar, para ver quem encontrava;
E, voltando, ó meu Deus! o que elle víra
Era tal, que inda ao vel-o duvidava.

Julia, á porta do quarto, em *toilette*
Que faria de certo o desespero
Até da parisiense mais *coquette!...*
Tinha a graça, a elegancia, aquelle esmero
Com que a mulher de gosto se prepara
Para um intimo e longo *tête-à-tête!*

O cabello annelado, basto, fino,
E posto em calculado desalinho,
Caía sobre o collo alabastrino;
O que direi do tentador pésinho,
E do turgido seio, que ondulava
Sob a cambraia do precioso linho?!

Diria... sabe Deus o que diria!
Talvez alguma grave inconveniencia!
O que digo é que Placido sentia
Bater o coração com violencia,
Como é facil de crer que toda a gente
Nas mesmas circumstancias sentiria!

No fim do corredor co'a vista anciosa,
Quasi sem respirar, cravava os olhos
Naquella pudibunda e fragil rosa...
Mas onde elle encontrou tantos abrolhos!
De repente uma sombra... Neste ponto
Permitta-me a leitora virtuosa

Que a minha musa tome a liberdade
De contar francamente quanto víra...
Não a musa, o Doutor. Ora, em verdade,
A sombra era d'um homem, que surgíra...
(Já agora é necessario dizer tudo)
Do aposento da timida beldade:

Um bello militar, d'esses valentes
Que haviam de partir para a Terceira,
Em nome de principios excellentes,
A restaurar a patria e... a algibeira;
Um heroe, que de facto nesse instante
Se cobria de gloria verdadeira!

Julia apertou-lhe a mão. O venturoso
Ousou firmar os labios anhelantes
Naquelle rosto pallido e formoso!
Oh! como é longo o beijo dos amantes
Quando chega o momento da partida,
Depois d'um *tête-à-tête* delicioso!

O beijo terminou, e a passos lentos
Saíra o militar. Julia fechára
A porta do seu quarto. Alguns momentos
O Doutor, que ás escuras se encontrára
No longo corredor, ficou perplexo
Na incerteza de vagos pensamentos.

Emfim, com grande acerto, decidíra
Não dar um passo mais, até que a aurora
Despontasse no ceo. Nisto sentíra
Outra porta ranger, e a voz sonora,
A doce voz de Clara, que baixinho
Um—*adios*—com ternura proferíra!...

Á tibia luz que vinha do aposento
Poude ver... Se a leitora permittisse,
Diria o que elle viu em tal momento...
Foi... Silencio! talvez que se illudisse,
Que julgasse real o que seria
Uma estranha visão do pensamento!...

Suppoz ver o visinho da janella,
O fatal Cabrion que o perseguia,
Sair pé ante pé do quarto d'ella
(De Clara já se vê), quando saía
Sellar a despedida dando um beijo
Na tenra flor que meiga lhe sorria!...

A luz esmoreceu, e era provavel
Que tambem o Doutor esmorecesse
Durando aquelle estado deploravel
Por algum tempo mais! Se elle pudesse
Atinar co'a saida, e para sempre
Fugir d'aquella casa intoleravel!...

Deu dois trémulos passos; animado
Pelo fundo silencio que reinava,
Aventurou mais dois... tinha chegado,
Ou julgou pelo menos que chegava,
Á porta da saida! Nesse instante
Bateu-lhe o coração precipitado,

Porque a maldita porta, ao entreabrir-se,
Rangeu nos quicios por um modo incrivel!
Era emfim o momento d'evadir-se!
Mas (ó fatalidade inconcebivel!)
Ao entrar sente a voz de Dona Eugenia
Aterrada soltar um grito horrivel!

O ridiculo atroz chegava ao cumulo!
O Doutor estacou hirto e gelado
Como um cadaver que deixasse o tumulo.
O lance era devéras apertado!
A bella seductora commoveu-se
Ao vel-o ante seus olhos nesse estado!

E depois... Realmente a minha musa
Não póde asseverar neste momento
O que fizera a timida andaluza:
O que póde é dizer que o firmamento
Já se alegrava com a luz da aurora
Quando o Doutor deixava o aposento!

E talvez não devesse dizer tanto!
Mas, emfim, se a leitora virtuosa
Tem acaso encontrado neste canto
Uma ou outra passagem duvidosa,
Verá que a minha musa d'ora ávante
Ha de ser muito mais escrupulosa.

Ó pudor, onde habitas tu no mundo?
No seio virgem da gentil donzella
D'olhar sereno e rosto pudibundo?
Ou na rosa mais fresca e mais singela,
Quando, toda rubor, escuta os carmes
Da voz do rouxinol saudosa e bella?!

Em ambas viverás; mas a mais pura
D'entre as virgens da terra, a mais formosa,
A que tem a expressão de mais candura,
Quando chega uma hora venturosa
Espera os beijos do adorado amante,
Como os beijos da brisa espera a rosa!

E como é bella então! reluta ainda
O desejo e o dever naquelle seio;
Accende-lhe a paixão a face linda;
Estremece de gosto e de receio;
Ébria d'amor, nesse supremo instante
Delira em sonhos de delicia infinda!

Succede a languidez: empallidece
Subitamente a face purpurina;
Na franja das pestanas estremece
Uma lagrima ardente e cristalina;
Exhaure-se a razão; e num suspiro
Como que a vida emfim desapparece!...

Ó pudor, onde estás nesses instantes?
Não no semblante onde o prazer scintilla,
Não na bocca e no seio palpitantes,
Não no fogo brilhante da pupilla,
Quando livres, immunes, venturosos,
A propria vida esquecem dois amantes!

Onde estás pois?!... Emfim sobre este assumpto
Não devo interrogar a minha musa;
Que ás vezes, se começo a insistir munto,
Começa a responder, e alguem me accusa
Porque eu consinto em certas liberdades,
De que ella, como sabem, nunca abusa.

Alguns mezes correram desde a hora
Em que vimos a scena deploravel
De que te has de lembrar, gentil leitora.
Uma expressão de dor inconsolavel
Anuviava o semblante enamorado
De Julia, a nossa Julia incomparavel!

Dona Eugenia debalde procurava
Descortinar naquelle ingenuo seio
O segredo fatal que o devorava:
Era uma hesitação, um tal receio,
Nas palavras, na voz, no proprio gesto,
Quando com viva instancia a interrogava!..

Um dia a todo o custo resolvêra
Consultar o Doutor. Eu, realmente,
Não sei ao certo o que o Doutor dissera;
Porém posso dizer que em continente
Dona Eugenia correu, lavada em pranto,
A fallar co'a irmã intimamente.

Tambem Clara escutou a confidencia;
E... não sei, mas parece-me, leitora,
Que, na sua innocente inexp'riencia,
Chegára a revelar o que eu agora
Não posso aqui dizer sem que me reste
Um pequeno remorso de consciencia.

O facto é que, passados quinze dias,
Ambas tinham em frente dos altares
Jurado, entre receios e alegrias,
Com meiga voz e timidos olhares,
Fé, constancia, ternura, e etc.
Aos nossos dois valentes militares!

Sete mezes depois do casamento
Tinham já entrevisto a luz do dia...
Este *já* não contém mau pensamento,
Veiu aqui porque o verso o exigia...
Pepe e Paquita, com quem desde muito
Tomámos familiar conhecimento.

Ó santa instituição do matrimonio,
Feliz d'aquelle que possues nos braços!...
Feliz... salvo se ás vezes o demonio,
Inimigo do bem, faz em pedaços
As estreitas prisões que neste mundo
Unem dois entes por tão doces laços!

Dias de paz e de prazer profundo
Tinham sorrido aos juvenis esposos
No remanso do lar, longe do mundo
E de seus turbilhões vertiginosos!
Mas... (fatal condição do ser humano!)
No momento em que estavam mais ditosos...

De repente o tambor toca a rebate!
Fluctua ao vento a bicolor bandeira!
Aproxima-se a hora do combate!
Eil-os correndo ás praias da Terceira,
Os valentes, que vão num só relance
Parar quanto resume a vida inteira!...

Julia e Clara, as gentis recemcasadas,
No terrivel momento da partida,
Aos amantes esposos abraçadas,
Sentiam nesse adeus fugir a vida!
Oh! adeus, que talvez naquelle instante
Fosse nuncio d'eterna despedida!

Doutor Placido, o Apollo enamorado,
Melifluo, seductor, quasi Cupido
Pelas frechas que havia disparado,
Em pontos de valor era sabido
Que ninguem neste mundo se encontrava
Mais pechoso, mais prompto, e decidido.

Resoára o clarim, e resolvêra
Partir d'aquella terra em continente.
O proprio amor d'Eugenia não pudera,
Apesar d'uma força transcendente
Que sobre elle exercia, decidil-o
A quebrar os protestos que fizera!

No adeus, no triste adeus, pense a leitora!
E o leitor, nas soturnas elegias
Que haviam de nascer d'aquella hora!
Chegado á ilha, emfim, passados dias
Quiz Deus que uma freirinha lhe acordasse
A musa das ingenuas alegrias!...

Monstro d'ingratidão! assim pagava
A ternura, a constancia, o doce affecto,
Que a bella Dona Eugenia lhe votava!
E ella prezava ainda o ser abjecto?
Sabia acaso da traição nefanda
De que fôra culpado o caro objecto?

De certo o suspeitou; e alguem dissera
Que um joven portuguez, um cavalheiro
Que ella havia dois mezes conhecêra,
Se incumbíra, como habil enfermeiro,
De curar totalmente o mal profundo
Que o fatal desengano lhe trouxera.

*

Mais tarde ha de este novo personagem
Ter um largo papel na nossa historia;
E prometto, leitor, que a sua imagem
Te ficará bem viva na memoria:
Imagem podes crer d'um grande vulto,
D'um genio summo que pertence á gloria!

Solon dos nossos dias, has de vel-o
Encher de doutas leis a culta imprensa.
Em questões d'alto emprego, é só havel-o;
Que em n-o havendo ninguem d'elle o dispensa.
É tudo: é Conselheiro, é Par do reino,
E *muchas cosas mas* que ninguem pensa!

Mas... Silencio, e termine-se este canto!
Finalmente vais ver, cara leitora,
As scenas de paixão, d'amor, d'encanto,
Que entre a nossa Paquita seductora
E o apaixonado moço têm havido
Dês que nós os deixámos até'gora.

Canto terceiro

Paquita, a nossa ingenua adolescente,
Via em sonhos, sentia, respirava
Em tudo a essencia d'um amor nascente.
Ó Deus! com que ventura lhe pulsava,
Ao ler os versos do adorado amante,
No joven peito o coração ardente!

Na sombra da espessura retirada,
Quanta vez com os olhos scintillantes,
A fronte bella sobre as mãos firmada,
Entreabertos os labios provocantes,
Devorára com vivos sobresaltos
A historia singular de dois amantes!

Depois, fechando o livro, pensativa
Em torno a si corria os olhos bellos,
Mal contendo uma lagrima furtiva;
E, afastando as madeixas dos cabellos,
Em doce posição se reclinava
Entregue á morbidez da quadra estiva!

A figura do primo idolatrado
Surgia então á bella adormecida:
Vinha sentar-se trémulo a seu lado,
Por instantes fallar-lhe em voz sumida,
E á suave impressão d'um longo beijo
Ella acordava emfim desfallecida!...

Como é grato sonhar, quando a ventura
Nos adormece com seu brando alento!
Quando os olhos de rara formosura
Nos revelam em todo o sentimento
O amor que a timidez trazia occulto
No recondito d'alma ingenua e pura!

Uma tarde, ness'hora em que é mais bella
Entre as frondes a rosa purpurina,
A graciosa canção da philomela,
A frescura do bosque e da campina
(Como disse em torrentes d'eloqûencia
O cantor immortal da *Parisina*),—

Paquita no jardim, junto do lago,
Pelas aguas a vista percorria,
Naquelle imaginar saudoso e vago
Que nos foge co'a leve fantasia.
De repente escutára o brando accento
D'uma voz que o seu nome proferia.

Ao sentir essa voz nos seus ouvidos,
O sangue todo ao rosto lhe subíra;
Estremecendo, e quasi sem sentidos,
Volveu-se alvoroçada. Oh! quando víra
Pepito junto a si sorrindo alegre,
Como que a força emfim se lhe extinguíra!

Elle toma-a nos braços palpitante;
Ella acorda, e contempla fascinada
O rosto nobre do adorado amante;
Querem fallar, a voz morre cortada;
Não é fogo, é volcão que d'essas almas
Parece rebentar em tal instante!

O tempo, a situação, tudo lhe'esquece;
Tudo foge a seus olhos deslumbrados
Pelo ardor da paixão que os enlouquece;
Confundem-se os olhares namorados;
Vivem, sentem, respiram as delicias
D'esse mundo que a terra desconhece!

Mundo de sensações, em que a leitora
É provavel que tenha já vivido,
Pelo menos no espaço d'uma hora;
E quão feliz ess'hora terá sido!
É rapida, é fugaz; mas, se o não fosse,
Quem lhe houvera no mundo resistido!

Tinha caido a noite. O ceo sereno,
E esmaltado d'estrellas, parecia
Volver áquelle par um riso ameno.
Como orvalho na flor, estremecia
Nos olhos d'ella cristalino pranto,
Mas pranto que ventura só dizia!

De subito uma nuvem lhe envolvêra
A esplendida expressão da face bella:
Como é que o seu amante ali viera?
Talvez que fosse, ó Deus! por causa d'ella
Que elle houvesse num dia emfim quebrado
Os preceitos que Eugenia lhe impozera!

Num momento Pepito dissipou
Os receios da timida beldade.
Ella então d'improviso se lembrou
Que, apesar da infinita liberdade
Que existia entre os dois, se alguem os visse
A taes horas com tal intimidade...

Ousaria pensar... Pepe no fundo
Não achava o motivo razoavel,
Porque emfim não suppunha que no mundo
Pudesse haver acção menos culpavel
Do que um primo fallar com sua prima
Naquella situação tão agradavel.

Ella instou; mas instou com tal meiguice,
Com tanta seducção, que realmente
Não havia ninguem que resistisse:
O mancebo partíra em continente,
E escusado é dizer que a amavel tia
Tudo ao vel-o esqueceu completamente.

Esqueceu... quer dizer, não resistiu
Á suave impressão que a doce vista
Do sobrinho gentil lhe produziu
No primeiro momento da entrevista.
Se ella, ó Deus! julgou ver a cara imagem
Da irmã que nos seus braços succumbiu!...

É verdade, o leitor não soube ainda
Como um golpe fatal arrebatára,
Na flor da vida e da alegria infinda,
As nossas duas pombas — Julia e Clara.
Fôra a morte imprevista dos esposos
Que um dia o coração lhes traspassára.

Dona Eugenia não tinha resistido
Á cruel situação, se o Conselheiro,
Já no outro canto nosso conhecido,
Não fosse um consummado cavalheiro;
Porque, além das irmãs, a bella dama
Tinha tambem ficado sem marido!

E que marido então!... Mas siga a historia:
D'improviso uma sombra perturbára
A chamma d'alegria transitoria
Que o semblante d'Eugenia illuminára.
Pepito estremeceu cravando os olhos
Na tia, que impassivel se mostrára.

Quatro dias depois, dias, leitora,
D'incerteza, de dor, e d'anciedade,
Chegára finalmente a negra hora
Em que veiu a fatal realidade!
Eugenia (ó circumstancia inexplicavel!)
Tinha tido a terrivel crueldade

De dizer á sobrinha apaixonada
Que a muito custo havia conseguido
Um logar para o primo na embaixada:
O mancebo partia como addido!
Paquita quiz fallar, porém d'angustia
A voz nos labios lhe morreu cortada!

Precisâmos saber qual fôra a causa
D'aquelle singular procedimento.
E se o leitor permitte que uma pausa
Suspenda por instantes o andamento
Da historia principal, eu lhe asseguro
Que este ponto se aclara num momento:

Desde Londres que Eugenia se ligou
Do mais profundo d'alma ao Conselheiro,
Em cujo coração ella encontrou
A affeição d'um amigo verdadeiro,
D'um protector, d'um pae, d'um confidente,
Que a Providencia emfim lhe deparou!

Oh! com quantos desvelos e ternura
Conseguíra arrancal-a ao seu estado
D'inanição, d'angustia, e d'amargura!
Com que affan tel-a-hia desposado!
Mas o nobre proscripto tinha um filho,
E uma esposa tambem por desventura!

Comtudo nunca mais desde aquell'hora
O nosso illustre heroe se decidíra
A abandonar a joven seductora;
E de longe ou de perto a dirigíra
Nas mais simples acções, com mão segura,
Como tu, bom leitor, vais ver agora.

Tutor de Pepe e da gentil Paquita,
Quando víra chegar a certa idade
A elegante e graciosa morenita,
Lembrou-se o Conselheiro (e na verdade
Nada mais natural) casar o filho
Co'a pupilla tão rica e tão bonita.

Dona Eugenia, mulher de fino tacto,
Antevíra este occulto pensamento?
Não posso dizer tal; porém o facto
(Imprevisto e cruel reviramento!)
É que tudo mudára infelizmente
Para os cegos amantes num momento.

Quando tens mais poder, ó formosura?
Quando o sol da alegria te illumina
D'esplendida expressão a fronte pura?
Quando, entreabrindo a bocca purpurina,
Sorris em torno a ti, como na aurora
Sorri de gosto a rosa da campina?

Quando amante, e feliz por ser amada,
Se cobre de rubor o teu semblante,
Ao escutar a voz enamorada
E os mil protestos do ditoso amante?
Quando timida mão comprime a tua,
Que treme alvoroçada nesse instante?

Quando os soltos anneis de teus cabellos
Se agitam á feição da branda aragem,
No gentil desalinho inda mais bellos?
Quando afastas os troncos da ramagem
Debruçando-te a medo sobre o lago
Para ver reflectida a propria imagem?

Quando, na hora suave do sol posto,
Uma sombra da pallida tristeza
De meiga languidez te inunda o rosto?
Quando a eloquente voz da natureza
A tua alma inspirada eleva em extasi
Aos pés do throno da eternal grandeza?

Ou quando a dor, qual subita procella,
Sobre o teu coração cai de repente,
E, desbotada a cor da face bella,
O gesto amortecido, a voz gemente,
Toda a magoa que o peito te comprime
Por um flebil suspiro se revela!?

Ó formosura, ó seducção da vida,
Ó reflexo do empyreo neste mundo,
Tu vales inda mais triste e abatida,
Inda tens mais poder no olhar profundo,
E mais encantos nas sentidas lagrimas
Que te orvalham o rosto pudibundo!

Inda quando... Perdão, leitora amavel!
Quem, melhor do que tu, sabe onde exista
O meio de a tornar mais adoravel?...
Nós ficámos?... No instante da entrevista
(Ou momentos depois) quando Paquita
Escutára a sentença incontrastavel,

Sentença que envolvia inda em secreto
Uma idéa d'atroz iniquidade!
E acaso adivinhára o seio inquieto
Da hespanhola infeliz que, sem piedade,
Intentavam roubal-a para sempre
Ao ser que amava desde a tenra idade?

Póde ser! Aquella alma atribulada
Sofria as dores de cruel martyrio.
Pallida, sem alento, e transtornada,
Co'as lagrimas na voz, quasi em delirio,
Ao ver o amante estremeceu, caindo
Nos seus braços em pranto suffocada.

Largo tempo durára aquelle amplexo
De delicia e de dor! Depois momentos,
O elegante hespanhol ficou perplexo,
Na incerteza de tantos pensamentos
Que vinham em tropel ao seu espirito
Crescendo cada vez mais violentos!

De repente exclamou:—«És minha! agora
Nada póde arrancar-te de meu lado!
Fugiremos d'aqui antes d'um'hora!»—
E, jurando *por Dios*, o desvairado
Ia soltar torrentes de heresias,
Se não lhe acode a prima seductora!

Reuniram-se os dois casualmente
No ponto mais ameno e mais frondoso
Do fechado pomar; facto innocente,
Porém talvez um pouco perigoso
Se repararmos bem nos mil encantos
Do sitio, na verdade delicioso.

Um d'elles era a flor da laranjeira,
Alvo emblema da pura castidade;
Mas subtil, mas traidora mensageira,
Que, ao coroar a timida beldade,
Lhe diz:—«Agora és noiva, logo esposa,
E eu não serei mais tua companheira!»—

Outro, o silencio; e n'alma dos amantes
A mudez tem torrentes d'eloquencia!
Outro, a lua! essa então nalguns instantes,
Illudindo co'a timida apparencia
(Como já disse alguem) toma d'assalto
A descuidada e fragil innocencia!

Outro emfim... Mas quem póde descrevel-os!
Vê-os a fantasia em certas horas,
Quando a mente se inflamma em sonhos bellos!
E vós por quantas vezes, ó leitoras,
Ao supremo poder de taes enlevos
Tereis rendido os corações singelos!

*

Pepe sentia o palpitar ancioso
Do seio oppresso da gentil amante.
Penetrando no bosque rumoroso
Um reflexo de lua mais brilhante
Veiu como depôr um terno beijo
Na fronte da donzella nesse instante.

A doce confidente dos amores,
A formosa das noites, que alumia
O prado, as veigas, as graciosas flores,
Na serena carreira que seguia
Não passou sem votar aos dois felizes
Um sorriso de meiga sympathia!

Era tão vivo o amor que os inflammava!
Os dois eram tão jovens e tão bellos!
Co'as impacientes mãos ella afastava
As ondadas madeixas dos cabellos,
Que o brando sopro da travessa aragem
Em folguedo infantil desalinhava!

Livres, immunes, sós, ambos sentiam
Nos estos da paixão fugir a vida!
Em extasi os olhares confundiam;
E os labios, murmurando em voz sumida
Protestos por mil vezes repetidos,
Num prolongado beijo emfim se uniam!

«Amor, és immortal, sorris nas campas!»
Disse Gœthe no *Hermánn e Dorothéa*.
É pena que outra rima além d'*estampas*
Neste momento me não venha á idéa!
Não importa, repito o mesmo verso:
«Amor, és immortal, sorris nas campas!»

Quem pois deve estranhar que o teu imperio
Tenha tanto poder na mocidade,
Quando até no sombrio cemiterio,
Na estancia da tristeza e da saudade,
Tu diffundes a luz de teus encantos,
Ó tentador da pobre humanidade!

A andaluza caíra reclinada
Entre os braços de Pepe... Esta passagem
Principia a tornar-se complicada;
Mas, com certa finura de linguagem,
E a maior discrição, a minha musa
Vai tirar-se do aperto com vantagem.

A espaços, atravez da densa rama
Das formosas pestanas, scintillava
No enamorado olhar da joven dama
Um reflexo de luz que fascinava:
Relampago das intimas procellas
Que o sopro da paixão no peito inflamma!

Ella amava! e, feliz, no seu delirio
Esquecia que houvesse neste mundo
Tão longas horas de cruel martyrio!
Ella amava! e, naquelle amor profundo,
Entregava ao dilecto da sua alma
Os thesoiros do seio pudibundo!

O que fazem as flores quando a aurora
Da louçã primavera as illumina?
Amando abrem-se á luz inspiradora;
E a rosa mais pudíca e purpurina
Sorrindo paga em perfumados beijos
As caricias da aragem matutina!

Ella amava! e sentia alvorotado
Bater o coração com a lembrança
De quanto dera ao ente idolatrado!
Ella amava! e, no prisma da esperança,
Contemplava o porvir a reflectir-se
De vivissimas cores esmaltado!

Ó fugaz illusão!... Apoz instantes,
Um pequeno rumor de leves passos
Fizera estremecer os dois amantes!...
Elle, saltando dos convulsos braços
Que em vão tentavam comprimil-o ao seio,
Corrêra em volta os olhos scintillantes.

Num claro do arvoredo, de repente,
Uma sombra no chão se projectára;
O andaluz poude ver distinctamente
Que a sombra era d'um homem, que parára,
Procurando esconder-se entre a espessura,
Quando os celeres passos lhe escutára.

D'um pulo o nosso heroe transpoz o espaço
Que o separava do inimigo occulto,
E, cego de furor, erguêra o braço!...
Saltando para traz o negro vulto
Caiu em posição de quem se apromptа
Para trocar insulto por insulto.

O perfido aggressor estava armado!
O hespanhol viu então á luz da lua
Quem era o miseravel scelerado
Que, apontando-lhe ao peito a espada nua,
Exclamava com voz convulsa e breve:
—«Se avanças para mim cais traspassado!»—

Veloz como o toireiro quando escapa
Á investida do toiro accezo em ira,
Enrolando o hespanhol no braço a capa,
E furtando-lhe o corpo, conseguíra
Salvar-se de levar em pleno peito
A estocada terrivel que partíra.

Desvairada a razão, e repetindo
Assalto sobre assalto, em vão tentára
Desarmar o inimigo. Emfim, caindo
Mais certeiro e fatal, um golpe entrára
No peito do andaluz, que, estremecendo,
E recuando um passo, ao chão tombára.

Um grito agudo, estridulo, terrivel,
D'angustia, de furor, e de loucura,
Um bramido de som indefinivel,
Estrugíra nos ecos da espessura!...
Era d'ella! e ninguem diria, ouvindo-o,
Que partíra de humana criatura!

Viste a mãe, quando um golpe repentino
Lhe fulmina o filhinho idolatrado,
Não chorar, não gemer, e ao desatino
Cuidar que, num amplexo arrebatado,
Outra vez das entranhas palpitantes
Póde dar vida ao ente inanimado?

Oh! se viste, leitor, suppõe agora
Que em lance igual Paquita procurava
Insufflar com a bocca encantadora
Novo alento naquelle que abraçava
Com extremos de mãe no trance horrivel
Em que sente expirar o ser que adora!

Uma só sensação póde no mundo
Ser igual, ou talvez inda mais forte:
Se depois, o filhinho moribundo,
Que parecia já prêsa da morte,
Estremece, respira, emfim resurge,
E a mãe o abraça em magico transporte!...

O mancebo suspira!... Então a bella
Em delirio o aperta, e beija, e chama!...
Á voz convulsa da infeliz donzella
Parece emfim que a vida se lhe inflamma:
Recupera os sentidos, e profere,
Mas apenas distincto, o nome d'ella!...

Ao grito agudo da infeliz amante
Dona Eugenia correu desorientada;
Os criados apoz; e, num instante,
Foram dar com a scena desgraçada,
Ante a qual toda a gente que acorrêra
De repente parou como assombrada!

Eugenia desmaiára! O Conselheiro,
Que tambem no conflicto se encontrou
(Sempre o mesmo bizarro cavalheiro!)
Nos sollicitos braços a tomou.
Ella tornou a si; e então, correndo,
Ao grupo dos amantes se abraçou!

Digo ao grupo, leitor; e, na verdade,
Nem na pedra os prodigios da esculptura
Em que primava a mão da antiguidade,
Nem na tela os segredos da pintura,
Produziram jámais um par tão bello,
Nem quadro de tão rara formosura!

Á suprema afflicção do lance horrivel
Succederam transportes d'alegria.
Por um rasgo d'esforço inconcebivel,
O mancebo, que inanime jazia,
Quiz soltar-se dos braços convulsivos
Com que a extremosa dama o comprimia;

Mas debalde! outra vez desfallecendo
Com a perda do sangue, emfim caíra!
Uns levaram-n-o a casa; outros, correndo
Em busca do assassino que fugíra,
Procuraram em vão durante a noite,
Porque elle num relance se evadíra.

Um medico affirmou, sondando a f'rida,
Que não era mortal; e, realmente,
Graças á força da robusta vida
Que animava o gentil adolescente,
Poucos dias depois sorriam todos
Vendo Pepito emfim convalescente!

Quem seria o covarde scelerado
Que assaltára o mancebo? A tal respeito
Pepito fôra embalde interrogado;
Mas, notando um sorriso contrafeito
E certa alteração no Conselheiro,
Alguem suppoz que o filho era o malvado.

A verdade é que Pepe veiu achal-o
Uma tarde num sitio concorrido,
E de tal modo ousára provocal-o
Que ali mesmo ficára decidido
Um duello entre os dois; e no outro dia
Foi de facto o negocio resolvido.

Vencêra o nosso heroe; mas a victoria
Teve em cambio terriveis consequencias:
Em varias edições da mesma historia,
Não faltou quem fizesse diligencias,
Remordendo na fama da donzella,
D'espalhar venenosas confidencias!

O Conselheiro então, que num sudario
Víra a cara do filho aristocrata,
Jurou metter no inferno o seu contrario.
Perdendo a continencia burocrata,
Ousou jogar ás faces de Pepito
Injurias d'um calibre extraordinario.

Dona Eugenia tremêra ao contemplal-o;
O mancebo escutava sobranceiro;
Paquita olhava-o com profundo abalo.
De repente, saltando ao Conselheiro,
E agarrando-lhe o turgido pescoço,
Pepe esteve num ai para esganal-o!

Esganal-o! este verbo num poema!
Desculpa-me, leitor, o atrevimento;
Tu bem sabes que eu tenho por systema
Não alterar jámais o sentimento
Da verdade nas scenas que descrevo;
Saia embora vulgar o pensamento.

Rompêra Eugenia em pavorosos brados;
A donzella implorava lacrimosa;
Em tumulto acudiram os criados;
E, no meio da scena escandalosa,
A raiva do imponente Conselheiro
Resfolgava em rugidos abafados!...

Arrancaram-n-o emfim a muito custo
Das garras do andaluz; mas o furor,
E... quem sabe? talvez tambem que o susto,
Produziram no terno adorador
Da respeitavel dama resultados
Que o levaram á um ponto aterrador.

Conjuravam-se as forças do destino
Contra o formoso par! Subito agora,
Toldando o firmamento cristalino,
Rebentára a procella rugidora.
Nuovi tormenti e nuovi tormentati,
Como disse o famoso florentino!

No mesmo dia do terrivel lance
Paquita era encerrada num mosteiro,
Sem que ao menos pudesse de relance
Transmittir num abraço derradeiro
Ao seio oppresso do infeliz mancebo
As angustias crueis d'aquelle trance!

Dentro em pouco Pepito abandonava,
Para sempre talvez, a bella Hespanha;
Felizmente no instante em que deixava
O lar paterno, entregue a dor tamanha,
Recebêra uma carta escripta a lapis
Que a prima do convento lhe mandava!

A reclusa immortal do Paracleto
Não lográra exprimir numa missiva
Loucos transportes com mais vivo affecto!
Em delirio a hespanhola sensitiva
Transmittíra ao papel mil pensamentos
Com mão breve, graciosa, e convulsiva!

Que mimoso modelo d'eloquencia!
Só no mundo á mulher, quando se exalta,
Concedêra o segredo a Providencia
D'expressar a paixão que a sobresalta
Em prodigios de frases, enfloradas
Com as timidas rosas da innocencia!

Peço venia á sympathica leitora
Para dizer que a minha pobre musa,
Na simples traducção, só póde agora
Da elegante missiva da andaluza
Dar apenas um pallido reflexo.
Eis a carta, e de novo imploro escusa:

Abril 12 de 18...

Vais partir! oh! sabe Deus
Se tu já terás partido!
Com esta idéa, querido,
Minh'alma succumbe á dor!

Se ao menos uma palavra,
Inda um protesto d'amor,
Ouvisse dos labios teus!...
Mas ah! que em silencio lavra
A desgraça que me opprime,
Sem que um sorriso me anime,
Nem me console um adeus!

Não penses que me intimida
Esta sombria clausura;

Antes encontro doçura
Em pensar que a minha vida
Desde este instante vai ser...

Oh! não! Sinto-me morrer,
Gelar o sangue nas veias,
Quando encaro um sacrificio,
Quando as turvadas idéas
Me affiguram o supplicio
De não mais tornar-te a ver!

E tu!... perdão, oh! perdão,
Se a minha dor egoista
Por um momento esqueceu
Que és mais infeliz do que eu!

Eu posso, alongando a vista,
Embora na solidão,
Contemplar o mesmo ceo,

*

As mesmas graciosas flores,
Companheiras innocentes
De nossos ternos amores;
Porém os montes e serras,
Prados, sol, flores ridentes
D'outro ceo e d'outras terras,
Para ti não podem ter...

Quem sabe?... (horrivel idéa!)
Quem sabe se ao ver o aspecto
Do que esse mundo rodeia
Tu me virás a esquecer,
E se emfim um novo affecto...

Porém não! dize, protesta,
Mil e mil vezes que não!
Porque de todas as dores
Para mim a mais funesta,
Aquella que mais podia
Traspassar-me o coração,

A mais pungente, a maior,
A mais terrivel... seria...
Duvidar do teu amor!

Perdôa o meu devaneio;
Perdôa, que nunca mais
Virão perturbar meu seio
Estas lembranças fataes!
Será longa a ausencia!... Embora!
O amor redobra na ausencia!
Com mais força o sinto agora
Tomar posse da existencia,
Como um volcão rebentar!

Quando era feliz julgava
Que ninguem podia amar
Do modo porque eu te amava!
Era um sonho enganador!
Desfez-se a louca illusão,
E minh'alma diz-me afflicta

Que tem por fatal condão
O amor, o sincero amor,
Ser grande só... na desdita!

Encontro ás vezes delicias
Encarando o meu tormento!
Tu virás com mil caricias
Pagar-me, em breve talvez,
Da angustia d'este momento!
Deixa, pois, que inda uma vez
Emfim te possa dizer
Que a teu imperio sujeito
Alma, vida, e pensamento,
Quanto se agita em meu peito,
Quanto resume o meu ser!

Adeus! que dor infinita
Nesta palavra, meu Deus!
Oh! adeus! adeus! adeus!...
A tua infeliz... *Paquita.*

Desafogára a angustia de Pepito
Em lagrimas caudaes com a leitura
Do apaixonado e primoroso escripto.
Oh! com quantos extremos de ternura
Beijava a carta repassada em pranto
Dos olhos da sensivel formosura!

Era noite na hora em que partíra
Na diligencia o desditoso amante;
E não sem grande esforço conseguíra,
Aos clarões da lanterna vacillante,
Ler, reler, decorar emfim a carta
Antes que abrisse a aurora fulgurante!

A alvorada rompeu; è mais formosa
Jámais sorriu aos montes e planuras!
Ó natureza, ó virgem caprichosa,
Muitas vezes parece que procuras,
No festivo esplendor de tuas pompas,
Mofar de nossas fundas amarguras!...

O matutino alvor bateu no rosto
Do pallido andaluz. Na bella frente
Imprimiam-lhe as sombras do desgosto
Expressão de tal modo commovente,
Que, se uns olhos houvesse femininos
Que o mirassem ness'hora attentamente...

Pois havia-os ali, e scintillando
A espaços d'entre um veo, como as estrellas
Scintillam sobre o mar de quando em quando;
Ou, mais exacto, como fulgem ellas
Por entre a cerração d'alva neblina,
Antes de vir a aurora despontando!

Porém Pepito, absorto na tristeza
Do lance mais cruel da sua vida,
Apenas reparou na gentileza
Da bella e juvenil desconhecida
Quando a posta parou, e que ao almoço
Ella veiu sentar-se á mesma meza.

Em verdade era um typo... Mas, leitora,
Emquanto se demora a diligencia
Eu devo suspender tambem agora,
Ao menos por um resto de consciencia,
A longa narração, agradecendo
A tua singular condescendencia.

Canto quarto

«Preciso d'um heroe, necessidade
Que qualquer satisfaz de certo agora,
Visto havel-os em tanta quantidade»
(Diz Byron no *Dom João*). Pois eu, leitora,
Preciso uma heroina, e não a encontro,
Posto appareça uma a cada hora!

Poderia citar neste momento
Talvez cem, talvez mil! sendo, entre ellas,
A primeira nos dotes do talento,
A flor das elegantes e das bellas,
A Viscondessa D... se a minha musa
Ousasse erguer tão alto o pensamento.

Mas quem na tela do romance ou drama
(Onde é bom confessar que tem primado
Por muitas vezes esta illustre dama)
A não ser um engenho consummado,
Tentára apresentar a mais notavel
De quantas eruditas têm reinado!

Eu de certo que não. Salve, Corina!
Em nome do respeito que me inspira
O genio que essa fronte te illumina,
Vou depor a teus pés a minha lyra,
E adorar em secreto os teus encantos,
Ó typo da sapiencia feminina!

Mas dizia, leitor... Acho prudente
Não dizer nada mais. A narrativa
Vai proseguir agora em continente,
Ao que ás vezes a musa se me esquiva,
Entrando a discorrer por episodios
Que não hão de agradar a toda a gente.

Durante o almoço, o genio folgasão
Dos patricios de Pepe respirava
Nos rasgos de jovial conversação.
Oh! como essa alegria contrastava
Com as tristes saudades que apertavam
Aquelle atribulado coração!

A *senhora do veo*, que por acaso
Ficára ao lado d'elle, respondia
Com grande polidez, mas sem dar azo
A que a *verve* da alegre companhia
Proseguisse nos chistes e donaires
Peculiares da bella Andaluzia.

Posto a dama fallasse em castelhano
Com grande correcção, alguem notou
Que era filha do solo lusitano.
O marido... Perdão, que me escapou
Mais acima dizer que era casada
A joven com quem Pepe se encontrou...

O marido era um typo aristocrata;
Inda mais: tinha a grave continencia
Que denuncía á legua o diplomata;
Usando da palavra com prudencia,
Primava na finura dos conceitos
Talvez mais que na facil eloquencia.

Por varias vezes tinha posto os olhos
Num annel que no dedo de Pepito...
Encravou-se-me a rima nos *abrolhos*,
E estraguei o relance mais bonito
De quantos no tecido prodigioso
D'este immortal poema tenho escripto!...

Punha os olhos no annel, onde esculpíra
Mão d'artista em relevo primoroso
Um brazão portuguez. Pepe sorríra,
Mal disfarçando um gesto desdenhoso,
Por ver que o seu annel lhe conquistára
A attenção do conviva apparatoso.

—«Perdão—disse o notavel estrangeiro,
Dirigindo a palavra ao nosso heroe,
Com aspecto cortez e prazenteiro—
Se me recordo bem, creio que foi
Em casa de... que ha pouco tive a honra
D'encontrar uma noite o cavalheiro!...»—

O hespanhol respondeu em poucas frases
De mera polidez, e claramente
Perceberam os olhos perspicazes
Da elegante senhora que impaciente
Procurava o mancebo desviar-se
De travar a palestra novamente.

O rubor, sempre bello quando assoma
Á flor d'um rosto ingenuo e pudibundo,
Nesse instante assomou, como symptoma
Dos ruins sentimentos d'este mundo,
Ao semblante da dama, revelando
O despeito, ou, talvez, rancor profundo!

Termináara o almoço. A largo trote
Partíra em continente a carroagem;
Estalava nos ares o chicote;
E alguns dos companheiros de viagem
Abusavam das posses da larynge
Palrando em jovial camaradagem.

Na primeira estação Pepe offertára
Com profundo respeito a mão á dama,
Ajudando-a a descer. Ella acceitára;
E, nesse instante, a fugitiva chamma
Que lhe animára as faces exprimia
Que o seu despeito um pouco se applacára.

Ao jantar muitas vezes, com o tacto
De rapaz da mais fina educação,
Juntando á graça o mimo do recato,
Ousára com visivel intenção
Dirigir-lhe a palavra, conseguindo
Captivar-lhe devéras a attenção;

E por vezes o aspecto d'altivez
(Aspecto habitual no rosto d'ella)
Se trocára em graciosa candidez.
Pepito reparou que a voz da bella
Era meiga, sonora, insinuante,
Repassada em suave languidez.

Então no seu espirito abatido
Despertára de subito a lembrança
D'aquella doce voz que tinha ouvido
Nos seus dias d'amor e d'esperança,
Quando a vida brilhante lhe sorria,
Como a luz da alvorada na bonança!

Um gemido nos labios lhe expirou;
E uma lagrima a custo conglobada
Nos seus olhos magoados scintillou.
Oh! amava, aquella alma atribulada!
Amava nos extremos delirantes
Da primeira explosão apaixonada!

A lagrima brilhou, mas por momentos;
O suspiro morreu; e, concentrado
Na torrente d'acerbos pensamentos,
Largo tempo o hespanhol ficou calado.
Ao lado d'elle, a dama parecia
Tambem suspensa em vagos sentimentos.

Correu sombrio o resto da viagem,
Até que emfim, passado mais um dia,
Chegára a Badajoz a carroagem.
Desfez-se então a amavel companhia:
Os esposos partiam em caleça,
E Pepito a cavallo proseguia.

Disse, leitora, na primeira estancia,
Que tinha precisão d'uma heroina;
Na verdade notavel circumstancia,
Accrescentei depois, porque domina,
Porque impera na nossa sociedade
A portentosa especie em abundancia.

Escorchei nesta estrophe sem consciencia
Lobato e Madureira; mas que importa?
Espero me defenda a Providencia
De que o meu livro vá bater á porta
D'algum dos nossos grandes eruditos
Terriveis nestes pontos de sciencia.

Se o *bicheiro dos sabios* dá com elle,
Santo nome de Deus! se qualquer dia
Se atira ao infeliz este ou aquelle
Co'as garras da fatal sabedoria,
Que hei de fazer de mim? Provavelmente
Volto as costas ao eden da poesia,

Digo adeus ao semblante prazenteiro
Da minha affavel musa, e vou tratando
De ver se chego em breve a Conselheiro,
O que de certo alcanço declarando
Que sou da mais completa incompetencia
Em tudo, e na grammatica primeiro!

Visto porém que ousei largar á vela
O meu fragil batel por estes mares,
Tantas vezes batidos da procella;
Agora emfim que aos pés d'estes altares
Jurei sacrificar, — nada me resta
Senão ter viva fé na minha estrella!

Ai! como creio em ti, nume encantado!
És tu que has de inundar o meu futuro
De ventura e de luz; illuminado
Pelo teu rosto resplendente e puro,
Verás que hei de alcançar em breve um nome
D'immarcescivel gloria coroado!

Ó modestia, se a mão da Providencia,
Á falta d'outros dotes, no meu seio
Não derramasse a tua grata essencia,
Que seria de mim? Quando receio
Que a vaidade pueril me precipite,
Só tu me serves de seguro esteio, —

Pudíca rosa, a que profana gente,
Sob a capa da baixa hypocrisia,
Tantas vezes procura subtilmente
Transtornar o perfume da poesia;
Mas é debalde, que se não confunde
Jámais o teu aroma recendente!

Sem pompa o sacrificio em teus altares
Celebra aquelle que te segue o culto;
Por isso, quando a vista dilatares
Pelas arcadas d'esse templo occulto,
Os que professam na sublime crença
Verás que formam bem pequeno vulto.

Eu de certo estarei. Mas, como digo...
Parece-me melhor não dizer nada,
Para não abusar, leitor amigo,
Da paciencia que deves ter cançada.
Seja pois; e prosiga a nossa historia,
Por tantos episodios retardada.

—«A heroina será moça e formosa?
É de suppor tambem que apaixonada!»—
Oh! mais fresca e mais bella do que a rosa;
Na flor da juventude, e namorada.
—«Solteira, já se vê!»—Sobre este ponto
Sinto dizer que não; mas é casada.

—«Devéras é casada?!»—Sim, leitora!
—«É singular a idéa, na verdade!»—
É singular porquê, minha senhora?
Pois *Vossencia* não sabe a quantidade
De heroinas que engendra o matrimonio
A cada passo em toda esta cidade?!

Casada, e titular! — «Se lhe parece
Diga o nome, commetta essa imprudencia!» —
Oh! dizia-o de certo, se pudesse;
Se não fosse uma grave inconveniencia
Dizer o nome da graciosa pomba
Que tão cedo deixou esta existencia!

A flor mais pura, a estrella mais brilhante,
A mais formosa e candida das aves
Quando, ao raiar da aurora fulgurante,
Desprende a voz em canticos suaves, —
As obras immortaes que o genio cria
Na inspiração, no sopro d'um instante,

Um sorriso infantil, as mil caricias
Do affecto maternal, um casto beijo
Que nos transporta a um mundo de delicias,
A face virgem quando a córa o pejo,
A lagrima tremendo á flor das palpebras
Abatidas por morbido desejo,

O magico perfume que recende
No mez d'abril dos laranjaes florídos,
O farol quando subito se accende
Para guiar os naufragos perdidos,
Quanto seduz nossa alma e nos inflamma
Ao mesmo tempo o fogo dos sentidos,—

Não é mais bello do que foi na terra
Aquelle anjo d'amor, que a sepultura
Á sombra do cypreste agora encerra!...
Mas o nome da rara formosura,
Um lindo nome, e que se preste ao metro
Em que vai ser contada esta aventura?...

Nome sem pretenções!... Pense a leitora...
Herminia será bom? Era excellente,
Se o desditoso amante d'Eleonora,
No fogo do seu estro omnipotente
Celebrando este nome, o não tornasse
Como um pomo vedado a toda a gente!

Julia? Adelaide? Elvira? Augusta? Eliza?
Eliza era, em verdade, dos melhores,
Se os poetas das *ellas* e da *brisa*,
«Eterna geração de massadores,»
Não tivessem já feito d'este nome
Um supplicio infernal para os leitores!

Beatriz, a risonha companheira
Do apaixonado e taciturno Dante?
Laura, essa imagem que brilhou fagueira
Ao vate de Vauclusa? A bella amante,
Do autor do *Jocelyn*, emfim Graziella,
A rosa, o lyrio, o astro fulgurante?

Estes nomes, ha muito circumdados
De luz tão pura e tão viçosas palmas;
Estes nomes, que foram coroados
Pelo inspirado amor de certas almas,—
Por mim, que passo á sombra do meu nada,
Devem ser altamente respeitados!

Novas divagações!... Todo este canto
Tem sido, na verdade, um caos perfeito!
Reparo e vejo com profundo espanto
Que, em tudo que até'gora tenho feito,
Não pude combinar duas idéas
Onde houvesse uma sombra de conceito!

Sem mais interrupções! Pepe ficára
Um dia em Badajoz. Tinham partido,
Assim que a diligencia ali chegára,
A *senhora do veo*, com seu marido.
Oh! que dia passára o pobre moço
Sem ver um rosto amigo, ou conhecido!...

Sobre a tarde chegára o seu criado
Trazendo-lhe o alazão; e no outro dia,
Tinha apenas a aurora despontado,
O mancebo partindo emfim dizia
Um suspiroso adeus á bella Hespanha,
A quanto desde a infancia tinha amado!

Um guia portuguez, homem affeito
Áquellas excursões, e costumado
A encarar co'o perigo peito a peito,
Seguia o nosso heroe, tambem montado
Num cavallo fiel, pistola ao cinto,
Faca no bolso, e de clavina ao lado.

Pelas vastas charnecas do Alemtejo,
Agitado d'acerbos pensamentos
Proseguia o hespanhol. O seu desejo
Era correr, voar nalguns momentos
Á patria, ao lar, ao ninho onde deixára
Resumidos num ser mil sentimentos!

Mas (destino cruel!) era forçoso
Ávante caminhar! e, com effeito,
Dando d'esporas ao corcel fogoso,
O andaluz imprimia, a seu despeito,
Nos movimentos do animal o impeto
Com que lhe arfava o coração no peito.

Prosiga, pois, na celere carreira!
E nós, leitor, buscando os dois esposos,
Que partiram na tropega liteira
Por caminhos e atalhos escabrosos,
Vamos ver onde vão, e se carecem
D'auxilio nosso em lances perigosos.

Decidira-se a muito o diplomata:
Quasi só com a esposa se afoitára
A partir por estrada, onde se mata
(Ou se matava então) co'a mesma cara
Com que abate o cruento magarefe
A rez imbelle que a cerviz curvára!

E, diga-se a verdade, na bravura
O marido da joven portugueza
Era menos talvez que na finura!
Isto não quer dizer que a gentileza
Do porte e das acções lhe permittissem
Fazer num caso grave uma fraqueza.

A jornada era lenta e fatigante;
Triste o caminho; horriveis as pousadas;
Nem ao menos sequer um viandante
Encontraram os dois pelas estradas,
Cujo aspecto sombrio e solitario
Parecia crescer d'instante a instante!

Uma tarde, passado o quarto dia,
D'um modo singular, de quando em quando,
A *senhora do veo* estremecia.
O vento a pouco e pouco ia augmentando,
E no ceo grossas nuvens denunciavam
Que em breve o temporal rebentaria.

Com effeito o trovão dentro de pouco
Fez-se ouvir pelos ecos, repetindo,
Mas a distancia, o som profundo e rouco;
Nos pinheiraes, o vendaval rugindo
Arrancava uns gemidos prolongados,
Como os arranca o mar batendo em ouco...

«Como se desse em vão nalgum rochedo»
(Disse o nosso Camões). Por cada membro
Da *elegante do veo* corria o medo,
Gelado como o vento de dezembro...
Deixo a estrophe suspensa neste verso,
Porque emfim d'outra rima não me lembro!...

O temporal crescia a cada instante!
A bella dama, em pranto debulhada,
Aos dois guias pedia supplicante
Um logar, um abrigo, uma pousada.
Ao quadro assustador a noite proxima
Dava ainda expressão mais carregada.

No meio d'este horror, outro imprevisto
Fulminou de repente os dois esposos:
O conductor estremeceu, e nisto
De tropel cinco ou seis facinorosos,
De clavinas na mão, punhaes no cinto,
Bradaram—«Bolsa, ou vida!»—aos desditosos.

O conductor caíra no conflicto,
Por um tiro de bala traspassado;
A dama desmaiou soltando um grito;
O marido, de subito agarrado,
Tinha de contemplar a scena horrivel,
Prezo de pés e mãos, e amordaçado!

Naquella situação restava a morte.
A morte, santo Deus! nesse momento
Seria um dom feliz, em vez da sorte
Que elle antevia já no pensamento!
Tornando a si, a esposa, como a victima
Arrastando-se aos pés do algoz cruento,

Anhelante implorava em vão piedade!
Um do bando agarrára a prêsa imbelle.
Estorcia-se a pallida beldade
Em trances infernaes nos braços d'elle!
Súpplicas, pranto, esforço, eram baldados!
Ó Deus! que situação! que lance aquelle!

Ambas as debeis mãos oppunha ao peito
Do brutal aggressor; mais um segundo,
E á terrivel pressão do abraço estreito...
Nisto ouvira-se um brado furibundo,
Um tiro apoz! O salteador rugindo,
Aos pés d'ella caíra moribundo!

Outro tiro, e mais outro em continente!
O terror apossara-se do bando;
Tres bateram no chão redondamente.
Pepito num relance carregando...
Era Pepe, leitor, e o companheiro,
Que sobre elles cairam de repente...

Derrubára mais dois, que aos pés da bella
Imploravam perdão de mãos erguidas,
Invocando a seu turno o nome d'ella.
A dama quiz emfim poupar-lhe'as vidas!
Pepe saltára então do seu cavallo,
E amarrára os bandidos homicidas.

O marido abraçava delirante
O nobre salvador, emquanto a esposa,
Não podendo fallar naquelle instante,
Dizia, agradecida e lacrimosa,
Com a muda eloquencia, mil palavras
Ao hespanhol confuso e balbuciante.

O guia, de revez e enfurecido,
Remirava os que haviam escapado.
Pepito, intimamente compungido,
Voltára o rosto ao quadro ensanguentado,
Prohibindo tocassem nos vencidos,
Embora cada um fosse um malvado.

Distava a povoação; mas no horisonte,
Passada a tempestade, começava
A lua felizmente a erguer a fronte;
E, segundo um pastor lhes affirmava,
Tomando sobre a esquerda do caminho,
Muito perto d'ali ficava um *monte*.

Com effeito era assim. Passada um'hora,
Abria-se o casal hospitaleiro,
E em volta da lareira animadora,
Ou antes junto ao rubido brazeiro,
Os tres narravam aos pasmados hospedes
A scena que eu, leitor, contei agora.

A propria exaltação do lance horrivel
Manteve as forças da formosa dama;
Por fim cedêra a compleição sensivel:
Nos meigos olhos desmaiando a chamma,
E nos labios a cor, deram indicio
Que um ataque nervoso era infallivel.

Como a flor, quando subita rajada
A sacode no tronco melindroso,
Ella tremeu, caindo demudada
No collo do andaluz, emquanto o esposo
Buscava a toda a pressa uns especificos
Para acudir á esposa desmaiada.

Escondido no fundo da bagagem,
O estojo dos frasquinhos animantes
Custava muito a achar. Qual doce imagem
Que em sonhos se entrevê, passado instantes
Ella tornára a si do seu desmaio,
Sorrindo ao companheiro de viagem!

O marido chegára finalmente
Co'a portatil botica de homeopatha,
Sciencia que applicava a toda a gente;
E nas dóses do nosso diplomata
Havia a parcimonia de bom senso
Com que andava em negocio transcendente.

O desmaio passou; mas o semblante
Da joven denunciava inda symptomas
De dor viva, profunda, e lacerante.
Pepito apresentou-lhe alguns aromas,
Que ella aspirou, deixando as panacéas
Da pharmacia proficua e ambulante.

*

O marido insistíra; porém, vendo
Que a dama na recusa persistia,
Levou á bocca um frasco, e foi bebendo
A liquida porção, que parecia
Agua fresca, innocente, cristalina,
Como a que sai da rocha ou fonte fria.

Mas de facto o elixir era composto
Pelo menos d'opiados ingredientes,
Porque elle, sobre incommodo recosto,
Do somno peculiar dos innocentes
Adormeceu, firmando nos joelhos
Os cotovelos, e nas mãos o rosto.

Herminia... Emfim, leitor, eu não podia
Occultar por mais tempo o nome d'ella...
Herminia, entresorrindo, respondia
Com voz sonora, languida, singela,
Um nadinha talvez sobresaltada,
Ás perguntas que Pepe lhe fazia.

—«Sinto-me agora bem! vai longe o p'rigo!»—
Depois accrescentou com mais ternura,
Estendendo-lhe a mão:—«Meu bom amigo!»—
Proferíra este *meu* com tal doçura,
E no olhar, onde as lagrimas brilhavam,
Dizia tanto a ingenua formosura,

Que Pepito esquecêra transportado
(Ó fraquezas da pobre humanidade!)
Juras, amor, saudades do passado!...
Saudade, santo Deus! triste saudade,
Que és tu, pallida flor, quando a esperança
Rebenta no calor da mocidade?!

O que as estrellas são, quando apparecem
As torrentes de luz que o sol derrama.
Quem na abobada azul, onde estremecem
Submersas no clarão que o mundo inflamma,
Astros da noite as vê? o dia esplendido
Não lhe'apaga o poder da debil chamma?!

A saudade é da noite: a noite esquece
No momento em que a aurora se illumina,
E de novo a esperança reverdece.
Mirando a formosura peregrina,
O hespanhol não havia meigas frases
Que no inspirado gesto não dissesse.

Herminia deixou ver... Leitor, a furto
Relanceia um olhar; repara agora:
Talvez porque o vestido seja curto,
Ou porque emfim a joven seductora
A descuido o puchou... o pé descobre-se...
E com elle da perna tentadora...

Um nada, que sei eu! um quasi nada!...
Prosiga a narração. Pepito em summa
Levára a mão da bella apaixonada
Aos labios uma vez... inda mais uma...
Com vivissimo ardor... sem que a elegante
Lhe retirasse a mão sobresaltada!...

Entregue ao somno que pertence ao justo,
O ditoso marido descançava.
O vulto heroico do varão augusto,
Como Adão brandamente repousava...
Não sei se Adão dormia no momento
Em que Eva o doce fruto cubiçava;

O texto não o diz, diz só que a esposa,
Da serpente tentada não sei como,
Quiz ver o gosto da maçã formosa,
E que, provando do vedado pomo,
Partíra com Adão, que não dormia,
Ou despertou ness'hora desditosa!

Ah! podia dormir afoitamente
O nosso diplomata em todo o caso:
A serpe, disfarçando-se habilmente,
Não se mettêra ali para dar azo
A fataes tentações, porque Pepito
Era a antithese em tudo da serpente.

Bom, sincero, leal, na flor da idade,
Sorria-lhe o porvir illuminado
Das gratas illusões da mocidade;
Para o mundo arrojava-se inspirado,
Co'a fé no coração, no rosto a esp'rança,
E nas prodigas mãos a caridade!

Herminia, a singular fascinadora,
Mirava o andaluz. Oh! se eu ousasse
Gizar no quadro a linha encantadora
Do seu bello perfil, e emfim chegasse
A copiar a expressão, a vida, a graça,
Que animavam a joven seductora...

Que faria, leitor!? Neste momento,
Se me tocasse a inspiração divina,
Criava um ideal de sentimento,
Um modelo de quanto nos fascina:
O intermedio entre a Virgem de *La Sedia*,
E a ardente concepção da Fornarina!

O cabello era escuro; o olhar profundo
Concentrava a expressão; mas de repente
Partia a luz tão viva, e de tão fundo,
Que os olhos, como o lago transparente,
No mais intimo seio da sua alma
Deixavam ver que se agitava um mundo!

A estatura, elevada; a fronte altiva
Erguia-se umas vezes orgulhosa,
Outras vezes caía pensativa;
A bocca, pudibunda e melindrosa,
Cerrada — era o botão da primavera,
E sorrindo — o botão tornado em rosa!

A voz tinha tal graça e tal doçura,
Que não sei a que possa comparal-a!
O susurro da lympha que murmura,
O som da brisa que os rosaes embala,
O gorgeio infantil das avesinhas
Quando em maio improvisam na espessura,

Os suspiros que o ramo frondeado
Sólta ao beijar a trépida corrente,
A harmonia do cantico sagrado —
Ora alegre, ora grave, ora gemente —
De noite os vagos sons d'uma harpa eólia
Expirando no ouvido brandamente, —

Não podem comparar-se á melodia
Que tinha aquella voz, quando inspirada
Nas varias inflexões nos exprimia
O sentir da sua alma apaixonada!
Eu ouvi-a uma vez, e... Mas prosiga
O retrato da bella enamorada.

O rosto oval, e um pouco desmaiado
(Adoro a pallidez na formosura!)
Tinha um tom singular (julgo escusado
Dizer que o termo é proprio hoje em pintura);
O collo era de cysne; o seio, turgido;
As mãos, finas; e o pé... de miniatura!

Vinha o dia a romper. Tinham fugido
Para os dois num segundo horas d'encanto,
Sem que uma frase houvessem proferido.
No rosto d'ella deslisava o pranto;
E o seio alvorotado, ancioso, oppresso
(Ancia, oppressão d'amor!) batia tanto!...

Ergueu-se a dama; e, com incerto passo,
Caminhou para o vão d'uma janella.
Ante as estrellas, que no azul do espaço
Confundiam a luz serena e bella
Com a luz da manhã, arrebatado
Elle ousára imprimir nos labios d'ella...

Um beijo, um só, furtivo como os beijos
Que na flor perfumada a brisa imprime
Suspirando d'amor e de desejos!...
Ella córou, tremendo como um vime,
Mas emfim perdoou! Quem não perdôa
Áquelle que por nós commette um crime!

Lacrimosa, confusa, balbuciante,
Disse depois com voz entrecortada:
— «Que pensará de mim? desde este instante
A culpada sou eu! meu Deus, culpada!
E... quem sabe? talvez dentro de pouco
Até mesmo esquecida e desprezada!» —

O ditoso andaluz jurou... Leitora,
Não sei o que jurou. Se acaso um dia,
Ante os reflexos da punicea aurora,
Quando o esplendido baile esmorecia,
Mil protestos alguem ousou fazer-te, —
Oh! recorda-te d'elles nesta hora!

Oh! recorda-te bem! Neste momento
Julgo ver-te inclinar com brando enleio
O rosto sobre a mão, e o pensamento
Sublevar-te agitado o terno seio!
— «Era assim! tinha a festa decaído!
Vinha o dia a raiar no firmamento!

Que doçuras do ceo! que instante aquelle!
As palavras! o olhar! a imagem sua!
Vejo-a agora sorrir! sinto a voz d'elle!
Diz-me... *Sou teu!*... respondo-lhe... *Sou tua!*...
Rompe na sala a derradeira valsa,
Que ao turbilhão do baile nos impelle!» —

Não foi assim?... Herminia, embevecida
Co'as palavras do amante, respondêra:
— «Sou tua! a ti pertence a minha vida,
Vida que tu salvaste, e que eu quizera...» —
Outro beijo mais longo e mais ardente
A doce voz emfim lhe suspendêra...

E com ella a razão!... Já no horisonte
O sol tinha apontado. Um frouxo raio
Veiu beijal-a na graciosa fronte.
Jámais, ó sol, no florescente maio
Sorriu á tua luz com taes encantos
Agreste rosa em solitario monte!

O marido acordára finalmente;
Ou antes, vendo a aurora luminosa,
Foi despertal-o a dama previdente.
Elle então perguntou á cara esposa:
—«Dorme o nosso hespanhol?»—«Naquelle quarto!»
Disse ella, erguendo um pouco a voz tremente.

Deixo agora suspensa a narrativa,
Ou, por melhor dizer, fecho este canto,
No momento em que a alegre comitiva
Caminha até Lisboa. E no entretanto
Disponho as scenas que verão em breve,
E não de certo sem profundo espanto!

Canto quinto

Tu recordas-te bem d'aquelles dias
Da infancia, que passavas a meu lado,
Entre as sombras e gratas harmonias
Do teu valle saudoso e perfumado?
Oh! recordas-te bem como a tua alma
Se expandia em celestes alegrias!?

Como então ao acaso doidejavas,
Correndo apoz o zumbidor insecto,
Ou procurando a flor que ambicionavas!
Depois, voltando a mim, teu seio inquieto
Batia ufano, e cheia d'alvoroço
A cubiçada prenda me offertavas!...

Sorria o teu olhar com tal doçura,
Que eu, no pleno calor da mocidade,
Esquecia os enlevos da ventura
Que provém d'outro affecto e d'outra idade,
Para só contemplar teu rosto impubere
Na flor da sua ingenua formosura!

Ó doces horas vãs da nossa vida!
Á noite quanta vez tu fatigada
A fronte reclinaste esmorecida
Sobre o meu collo, no portal da entrada,
E te achou tua mãe entre meus braços,
Como nos braços d'ella, adormecida!

Ao sereno clarão da meiga lua,
Brilhando na amplidão do ceo profundo,
Quem não dissera, ao ver a face tua,
Ter a seu lado um anjo pudibundo,
Estrella, salvação, guia propicio,
Neste revolto mar chamado mundo?

Eu não sei onde estás! ai! não sei onde!
Mas se um dia esse olhar enamorado
Percorrer estas paginas, responde,
Oh! responde ao meu canto apaixonado,
Vota um ai, um suspiro, um pensamento,
Uma saudade, aos dias do passado!

Não profiro teu nome! venturoso,
Outro o profere agora a teus ouvidos;
Teu rosto se lhe volve carinhoso;
Estremecem d'amor os teus sentidos;
Mas ah! que ao menos possam na tua alma
Um eco despertar os meus gemidos!

Tu já não és qual foste: em teu semblante
Co'as graças juvenis fulgura a chamma
Do amor que accende o coração da amante.
O fogo admiro que teu seio inflamma,
Deslumbra-me a expressão de tantas graças,
Mas vejo sempre na donzella a infante!

Depois que te deixei, sobre os escolhos
Me arrojou a tormenta embravecida;
Agora em torno a mim só tenho abrolhos
Na pedregosa estrada d'esta vida!
Agora a noite... Que te importa a noite,
Se a aurora vem a rir para teus olhos?...

Mais tarde, no decurso d'este canto,
Has de achar uma historia, em que a heroina,
Na voz, no gesto, na expressão d'encanto
Que lhe dá vida á fórma peregrina,
És tu! Porém acaso a minha penna
Ao descrevel-a chegaria a tanto?!

Seja imperfeito o meu retrato embora!
Pelos toques de fundo sentimento,
Verás que a tua fronte animadora
Não me foge jámais do pensamento:
Viva, ridente, pura, immaculada,
Inda existes nesta alma como outr'ora!

Acceita um longo adeus! talvez... quem sabe?
Para nós neste mundo adeus eterno!
Porém se acaso no teu seio cabe,
Ao lado d'outro amor, o amor fraterno,
Uma lagrima vota ao peregrino
Que viste um dia no teu lar paterno!...

Como sabes, leitor, tinham partido,
Ao romper da formosa madrugada,
Pepito, a joven dama, e seu marido.
Sem descrever o resto da jornada,
Direi que o nosso heroe nesta cidade
Co'a maior distincção foi recebido.

*

Começava-se a entrar na quadra estiva;
E Cintra, em seus retiros perfumados,
Da virgem romanesca e pensativa
Escutava os suspiros namorados,
E não raro tambem algumas queixas
Dos maridos nem sempre afortunados.

Mas emfim, procurando a doce vista,
A paz d'aquella estancia vecejante...
A paz... não disse bem! ha quem persista
Em jurar que o seu tanto de picante
Ás vezes faz ali com que entre esposos
O furacão da guerra se alevante!

Eu não creio! E, de facto, ha porventura
Circumstancias no mundo mais propicias
Para animar a conjugal ternura,
Do que a fonte, o pomar, as mil caricias
Que o rouxinol tributa á bella noiva
Quando entra a lua pela selva escura?

A proposito agora: eu vi num dia
(E mais alguem o viu) entre uns loireiros
Noivar um rouxinol: esmorecia
A força de seus cantos feiticeiros
Nuns requebros d'amor, e a *sotto voce*
A esquiva desposada seduzia.

Estremecendo, o desejado *eu te amo*
No suspiroso canto lhe implorava;
E ella, sempre a saltar de ramo em ramo,
As graciosas azitas arrastava
Ao vel-o desviar-se, mas batia-as
Quando elle um pouco mais se aproximava...

Até que emfim cedeu!... No chão relvoso
Se deixou descair, como indicando
Ao companheiro o thalamo viçoso;
E, a pouco e pouco os giros encurtando,
Co'a victoria acenava ao caro amante,
Que palpitava ufano e venturoso!

Não ha no mundo scena mais singela,
Mais doce, e pastoril! Porém comtudo
Eu devo confessar, leitor, que, ao vel-a,
Fiquei suspenso, allucinado, mudo,
O peito alvorotado, o sangue em ondas...
E creio que inda assim não digo tudo!

Desde então presumi que era possivel
Nas gratas solidões de Cintra umbrosa,
Da donzella no animo sensivel,
E talvez na casada virtuosa,
A fonte, o bosque, os rouxinoes noivando,
Terem certa influencia perniciosa!

A verdade é que ali o amor parece
Não ser o infante dos vergeis florentes:
Quando entre aquelles bosques apparece
Não traz venda, nem azas resplendentes,
Nem settas, nem carcaz; mas todavia
Toma d'assalto as almas innocentes...

E ainda as que o não são!... Deixo este ponto,
E prometto seguir de hora em diante
A narração do meu singelo conto.
Ao regaço da estancia vecejante,
Como disse, corria a flor, o mimo,
Do chamado entre nós *mundo elegante.*

A Viscondessa D... e a joven filha,
Perante as quaes, absorto o pensamento
No exame d'uma e outra maravilha,
Hesita em decidir entre o portento
Da Viscondessa mãe, e o portentinho
Da filha, que saiu outro talento,

Não faltavam ali! tinham chegado
Juntamente co'a esposa d'um addido,
Alto engenho, caracter exaltado...
Digo a esposa, leitor, não o marido...
Senhora que era em tudo uma pintura
Do mais fresco e variado colorido!

As tres *Graças* buscavam nos retiros,
Durante o dia, as sombras odorantes,
Desfazendo-se em languidos suspiros;
Mas de noite, nas salas deslumbrantes,
Disparavam em volta, e sem piedade,
Cardumes d'epigrammas lacerantes.

A Consuleza T... (fatal beldade,
Cujas graças na face delicada
Brilhavam d'entre o veo da castidade,
Como o sol d'entre as nuvens da alvorada)
Tambem chegára então; e alguem dissera
Que o veo da formosura recatada,

Pelo tufão do amor rasgado um dia,
Em pedaços voára!... Outra elegante,
Procedente da bella Andaluzia,
Baroneza, chistosa, e provocante,
Os terriveis leões d'aquelle mundo
Com secretos poderes seduzia.

Como enxame d'abelhas, doidejava
O sexo encantador naquella estancia;
E, no lavor dos favos, não faltava
Mais d'uma abelha-mestra da elegancia
Cravando ás vezes o farpão de vespa
No que a entrar na colmeia se afoitava.

O nosso heroe, surgindo de repente
Uma noite num baile, produzíra
A mais viva impressão em toda a gente:
A bella Consuleza entresorrira
Ao seu gentil patricio; a Baroneza
Quiz ser-lhe apresentada em continente;

Miss Adelina, amavel flor do norte,
Desabrochada em terra portugueza,
Mas conservando no modesto porte
O não sei quê da pudibunda ingleza,
Parece que o notou; e, ao mesmo tempo,
Uma gentil viuva, a quem a morte

Prematura do esposo arrebatára
Quanta alegria neste mundo existe,
Nessa noite um nadinha se animára
Quando Pepito, entre risonho e triste,
Com tacto singular memorias intimas
De saudade e d'amor lhe despertára!

Na verdade, o mancebo era o modelo
Das graças juvenis: alto e flexivel;
Olhos negros; mais negro inda o cabello;
Nobre o perfil; a bocca irresistivel;
Nas faces o frouxel da puericia;
E, por bigode, um buço imperceptivel;—

Timido ás vezes como o pobre infante;
Outras audaz, arrebatado, altivo;
Mas em geral o varonil semblante
Exprimia, no gesto pensativo,
O vago imaginar proprio do genio
Scismando á entrada do porvir brilhante!

Uma valsa rompeu. *Miss* Adelina
Ergueu-se, ouvindo-a, como a rola airosa
Que vai rasgar o vôo pela campina;
E, nos giros da dança caprichosa,
Nos braços do hespanhol se suspendia
Bella, infantil, risonha, e venturosa!

Elegante, serena, esplendidissima,
Na sala Herminia entrou nesse momento:
Nadava-lhe o semblante em luz suavissima!
Era como as visões do pensamento
Quando a febre do genio fantasia
Um modelo de graça e sentimento!

No celere girar da valsa louca,
Adelina passava embevecida;
No olhar, no gesto, na virginia bocca,
O prazer pullulava com a vida!
D'um modo singular Herminia, ao vel-a,
Reparou na gentil desconhecida.

Como o tufão da serra despregado
Agita o bosque, as folhas sacudindo,
E vai bramir no mar encapellado,—
O ciume de subito caindo
Naquelle seio, em ondas o agitára:
Era o nuncio do amor acrisolado!

Só nuncio foi: correu como a rajada
Que, antes do sol romper, encrespa o lago,
Onde, já bate o alvor da madrugada.
Um momento depois, o terror vago
Como um sonho passou, e emfim de novo
Brilhou ethereo azul com a alvorada.

Quando os olhos de Pepe se cravavam,
Scintillantes d'amor, nos olhos d'ella,
As ondas do ciume serenavam,
Como aos lampejos de propicia estrella
Serenam vagas e se aquieta o animo
Dos que no mar perdidos se julgavam.

Que noite, ó Deus! que noite de delirio!
A ingenua ingleza, ao ver o par ditoso,
Mais formosa e mais pallida que um lyrio
Seguia ás vezes com olhar ancioso
Os dois felizes, e nos labios timidos
Lhe morria um suspiro doloroso!

Num ponto do salão, a Viscondessa
Remordia na sombra dos amantes;
E no agitar constante da cabeça,
E na expressão dos olhos faiscantes,
Havia um tanto ou quanto da leôa
Quando mira da jaúla os circumstantes.

Ao pé da Viscondessa, um estadista,
Que devia ao manejo do epigramma,
Entre outras coisas, a immortal conquista
Da sabedora e respeitavel dama,
Seguindo-os com chistosos commentarios,
Por toda a noite lhes andou na pista.

Ai d'elle, se Pepito!... Mas o baile
Chegára ao termo emfim. Este buscava
A capa do seu par, aquelle o chaile,
Um marido entre portas bocejava,
Outro com ar feroz seguia a esposa
Que inda no eterno *cotillon* valsava!

No derradeiro adeus, terno e saudoso,
Herminia prolongava inda a partida.
Oh! adeus de tal modo venturoso,
Que a victoria, ha já muito promettida,
Nelle sorria já!... Ditoso amante...
E mil vezes ditosa despedida!...

Agora nós, leitor, tambem deixando
O elegante salão, vamos seguindo
Ao longo dos Pisões. De quando em quando
Suspendamos o passo, ao longe ouvindo
Do nocturno cantor as notas magicas
Nos ecos do arvoredo suspirando.

A noite é sem luar; ligeira bruma
Das estrellas empana a face pura;
Mas se, d'espaço a espaço, brilha alguma
Por entre a cerração, bella fulgura,
Como atravez de veo alvo e diaphano
O deslumbrante olhar da formosura.

Além, dentro da espessa ramaria,
Bruxoleia uma luz!... Mais perto agora,
Por entre a mal cerrada gelosia,
Presumo ver a fórma encantadora
D'uma mulher passando, como as fadas
Que nos pinta a fecunda fantasia!...

Quem a tal hora é pois?! Emfim vejamos
Se d'aquelle altosinho, que domina
A janella da luz em que fallâmos,
Nós descobrimos a ficção divina,
Emquanto se não torna mais espesso
O vaporoso manto da neblina.

Abriu-se a *persiana*. Eil-a, a formosa!
Veiu do baile agora! inda tem posto
Seu alvo manto na cabeça airosa.
Chega á estreita janella, e inclina o rosto
Na delicada mão. Assim se inclina
N'haste flexivel a nascente rosa!

Tu, ó musa, só tu neste momento
Podes transpor o espaço, e occultamente
Entrar no interior d'esse aposento.
Depois, terna e sincera confidente,
Dirás se a dama emfim como Julieta
Romeu tambem espera anciosamente.

—«Romeu! pstt... ó Romeu! Ah! se eu tivera
A voz do falcoeiro, neste instante
O falcão desejado a mim trouxera!»—
—«Ella! O meu nome! Ó voz inebriante,
Ó voz d'amor, que chegas á minh'alma
Como os sons da harmonia mais tocante!»—

Ai, Julieta feliz! Romeu ditoso!
O porvir! o porvir!... Que importa? agora
Inda desprende o rouxinol saudoso,
Entre a romeira em flor, a voz sonora.
Vem longe o dia, vem; mais um momento...
E num momento o ceo d'eterno goso!

A dama debruçou-se na janella.
Em baixo, entre a ramagem perfumada,
Uma voz murmurára o nome d'ella.
Outro nome, com voz entrecortada
Pelos sustos do amor, como em resposta,
Tambem de cima proferíra a bella.

Retirou-se, e pegou com mão tremente
Na luz, que foi do vento resguardando.
Desceu mansinho a escada, e subtilmente
Da estreita porta a chave foi voltando;
Abriu; alguem entrou... e ambos subiram,
Sustendo o respirar de quando em quando.

Pepito (era Pepito!) suspendêra
A amante, que em seus braços descaíra.
A luz quasi de todo esmorecêra,
E Herminia soluçando proferíra...
Ah! quem póde exprimir ignotas frases
Que em taes momentos a paixão inspira?

Descaíra o *bournous*, e, nos cabellos,
Inda a gentil grinalda se ostentava.
O collo alabastrino, os hombros bellos,
O seio que fremente palpitava,
O rosto, onde o pudor trazia em ondas
O sangue que agitado circulava...

Tudo dizia amor! Aurora, occulta
Na bruma espessa a face purpurina;
Prolonga a noite com que amor exulta!...
Mas ah! que já, rompendo entre a neblina,
Lá vem o teu alvor, e d'oiro e rosa
O sol te cinge a fronte cristalina!

Vinha a aurora a romper; mas os amantes
Não viam, não sonhavam, não sentiam,
No delirio de magicos instantes,
Nada além d'esse mundo em que existiam;
Mundo em que as almas num celeste amplexo
Transportados e livres confundiam!

—«Parto!»—disse o andaluz, emfim quebrando
O sonho encantador.— «Partir tão cedo?!» —
Respondêra a formosa suspirando.
Na dobrada folhagem do arvoredo
As aves, vendo a aurora, papeavam,
Exp'rimentando a voz como em segredo.

Pepito ergueu-se. A dama, ao collo d'elle,
Posta em pontas de pés, as mãos cingiu.
Que par tão bello e tão ditoso aquelle!
Era ver o festão, a que se uniu,
Pela artistica mão da natureza,
Graciosa flor que a primavera abriu!

É dia, mas a nevoa previdente
Esconde a luz do sol no escuro manto.
Vão separar-se emfim! Subitamente
Ficam suspensos de terror e espanto!...
Sente-se um trem rodar... chega!... silencio!...
Dá volta... e pára á porta de repente!...

—«Oh!... elle!...—Santo Deus! era o marido!—
Sim, elle! ouvi-lhe a voz! foge! eu, perdida,
E, se não foges, tu tambem perdido!...»—
A scena era apertada e decidida:
Ou saltar a correr pela janella,
Ou ser naquelle extremo emfim colhido!

Pepe não hesitou. Posto que a altura
Não fosse extraordinaria, todavia,
Cerrado tudo pela nevoa escura,
Saltando qualquer outro, ficaria,
Quando não morto, pelo menos tendo
Num braço ou numa perna uma fractura.

Mas o nosso andaluz, com a destreza
Do mais leve e flexivel acrobata,
Dera o salto mortal com tal limpeza
Da janella ao jardim do diplomata,
Que nem torceu um pé, saindo incolume
E victorioso da arriscada empreza!

No lar amigo o descuidado esposo
Um minuto depois entrára ovante.
Ella abafava o respirar ancioso;
Elle, mais do que nunca radiante,
A serena expressão da alma do justo
Tinha impressa no placido semblante.

Esqueceu-me dizer, mas digo agora,
Que a sensitiva Herminia não contava
Co'a entrada do marido áquella hora:
Numa carta recente lhe affirmava
Elle proprio que uns dez ou doze dias
Demorar-se na côrte projectava.

Não foi assim; voltou... Mas pouco importa
A razão que a voltar o resolvêra.
Herminia, quando o víra entrar a porta,
Num relance de vista conhecêra
Que ali nem sombra havia d'uma duvida,
E respirando emfim o recebêra.

O esposo, fatigado da jornada,
Do baile a esposa morta de cançaço,
A noite, quer dizer a madrugada
Que já vinha doirando o azul do espaço...
Tudo isto os convidava ao somno tacito,
Que lhes abríra o morbido regaço.

E Pepe? Entrou no *hotel;* mas, quando entrava,
Deu co'a vista no rosto demudado
Da formosa Adelina, que morava
Nessa casa tambem! Ficou pasmado
D'aquella apparição. Porque seria
Que a taes horas a ingleza inda velava?!...

Canto sexto

A Consuleza T... que de passagem
Debuxei numa estancia do outro canto,
Era, em verdade, uma formosa imagem:
Não do bello ideal que foi o encanto
Do espirito subtil da escola mystica,
E do qual Raphael se inspirou tanto,

Mas do bello pagão; isto é, leitora,
Das graciosas ficções do paganismo
Só tinha a Consuleza seductora
A fórma e nada mais. O christianismo
Exaltava a sua alma religiosa
Nos transportes do ardente mysticismo.

Nunca os olhos de humana criatura
Se cravaram nas paginas sagradas,
Ou no votivo altar, com mais ternura.
Mas nas festas ao mundo consagradas
Ninguem víra tambem brilhar uns olhos
Com mais fogo, mais vida, e mais doçura!

Angelita (gentil diminutivo
Do nome da chistosa Consuleza)
Angelita, não tinha o porte altivo,
A estatura elevada da belleza,
O olhar dominador: no seu conjuncto
Tudo era mimo, e graça, e singeleza.

A miniatura do pincel mais fino
Não podia exceder a perfeição
Do corpo delicado e pequenino,
Da morbida e suave inclinação
Com que a fronte pendia, como pende
Sobre o tronco a rosinha inda em botão!

Quando, posta ao piano, desprendia
A melodiosa voz; quando cantava
Un polo, una playera,—ay, vida mia!
Todo aquelle semblante se inundava
Da torrente de luz que inunda as flores
Nos vergeis da viçosa Andaluzia!

Uma noite, a notavel Angelita
(O proprio nome a origem lhe revela!)
Disse a Pepe:—«*Oiga usted esta coplita.*»—
E, momentos depois, a voz da bella
Rompia na seguinte *malagueña*,
Com *la gracia y la sal* que era só d'ella:

Quando saio de tarde, e a fresca aragem
Me dá na roupa,
Sou como a barquinha á vela,
Que vai seguindo viagem
De vento em pôpa.

Depois, se o vento,
Ao voltar subito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vê
Baixinho me diz:—«Menina,
Que lindo pé!»—

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguem;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;
Mas sempre alguem

Me diz que vê
Distinctamente o pésinho...
Quando não é
Ás vezes um bocadinho...
Além do pé!...

À hespanhola era a propria castidade.
A lettra da canção, talvez picante,
Fôra dita com tanta ingenuidade!...
Inda quando seu timido semblante
Sorria com malicia, era a malicia
Do rir travesso do gracioso infante!

Outra noite... Este canto é consagrado
A uma serie de noites innocentes,
Como o leitor talvez tenha passado,
No delicioso trato d'alguns entes,
Entre o fazer *crochet* e entre a leitura
Dos jornaes e dos livros mais recentes,

Quando o *whist* em um canto da salinha
Delicía os papás, e noutro canto
Dois noivos, conversando em voz baixinha,
Na impaciencia do amor assopram tanto
O facho do hymeneu, que, em vindo as nupcias,
Um sopro mais... e morre a chammasinha!...

No romance do amor ninguem devia
Noivar senão no altar; aquelle affecto,
Aquelle ardente fogo que alumia
O nosso coração, mas em secreto,
Como á noite no templo a luz da lampada,
Não tem o mesmo brilho em pleno dia!

Evapora-se o amor, qual se evapora,
Exposta ao ar, a essencia primorosa:
Nas sombras, quando a rola se enamora,
Prepara o ninho, e sólta carinhosa
A gemedora voz; tambem nas sombras
Abre o seio a violeta melindrosa.

Mas... Levou-me este accesso de lyrismo
A interromper o fio á narrativa!
Outra noite, do puro platonismo
Expunha a Consuleza sensitiva
Os principios geraes ao nosso Pepe;
E a eloquencia era emfim tão persuasiva...

Que elle julgou subir naquelle instante
Ás mais altas regiões do sentimento;
E, beijando a mãosinha da elegante,
A si proprio fizera o juramento
De ser todo ideal quando o destino
Lhe deparasse uma terceira amante!

O beijo foi tão casto e respeitoso
Na delicada mão, como seria
O d'um filho innocente e carinhoso.
A formosa Angelita não podia,
Notando a timidez do adolescente,
Dar por certo o que o publico dizia.

Pepito um seductor!... Quando a innocencia
Se compraz em brinquedos pueris
Não póde ter mais candida apparencia,
Mais doçura nos gestos infantis,
Mais bondosa expressão, do que elle tinha
Na voz, no porte, nas feições gentis!

Ambos estavam sós; caso notavel,
Porque a sala era sempre concorrida
Da flor da sociedade mais amavel.
A conversa, um momento interrompida,
De novo começou; e ella encetára
Outro assumpto não menos agradavel.

Sem ser o que se chama uma erudita,
E abominando a escola transcendente,
Nem por isso a sympathica Angelita
Deixava d'explicar perfeitamente
A mystica do amor; e neste ponto
Ha de ouvil-a o leitor intelligente...

Ou póde ouvil-a já. Ella dizia...
Em resumo: que nunca tinha amado,
Que não podia amar, mas que, se um dia
Por milagre do ceo lhe fosse dado
Sentir o influxo d'um amor extremo,
Nesta existencia o seu amor seria...

Que sei eu! uma fonte inexhaurivel
D'effluvios divinaes! um pensamento
Sempre a voar em busca do impossivel!
Um *triple extrait* do puro sentimento!
A elevação d'uma alma em gratos extasis!
Um culto celebrado no invisivel!

Pepe não percebeu; mas não admira!
Todavia, no fim da catechese
Que tão pasmado e tão attento ouvíra,
Fez cara d'entender a fundo a these;
E depois, refugiando-se na hypothese,
D'este modo, e sorrindo, se exprimíra:

—«Angelita, supponha que o destino...—
O moço, um quasi nada receioso,
Ia a dizer... (incrivel desatino!)
«Supponha que morria o seu esposo!»
Emfim, salvou-se a tempo do dislate,
E proseguiu em tom affectuoso:—

Se o destino a seus pés lhe deparasse
Um ente que a sua alma delicada
Com profunda affeição tambem amasse,
Acaso, na explosão apaixonada
Do seu ardente amor, resistiria
A quanto esse ente mais feliz tornasse?»—

—«Se o dever, na ambição de taes desejos,
Não tivesse de ser aos pés calcado!»—
Ao dizer isto, uns rapidos lampejos
De furor que se via concentrado
Fuzilaram nos bellos olhos d'ella,
E Pepito ficou como aterrado!

Depois quiz balbuciar... Porém um gesto
D'altivez senhoril o fulminára.
O moço procurava inda um pretexto
Para seguir o assumpto, que ficára
Suspenso exactamente no momento
Em que mais apreciavel se tornára.

Por um repente de valor pasmoso
Elle emfim respondeu: — «Ha pois no mundo
Sacrificio mais nobre e mais honroso,
Quando sentimos um amor profundo,
Que immolar a esse amor quanto na vida
Se nos torna mais grato e valioso?

O dever!... Mas o amor é o desvario!
Quem põe dique á torrente prodigiosa
Que em procelloso mar transforma o rio?
Quando a chamma rebenta impetuosa,
O influxo da razão é como influxo
De gota d'agua em lava caudalosa!» —

Tudo isto é trivial; porém foi dito
Com tão vehemente ardor! Naquelle instante,
O nosso alegre e timido Pepito
Assumíra na voz e no semblante
Uma tal expressão, que a bella dama,
Desanuviando o rosto deslumbrante,

Sorriu ao andaluz; mas o sorriso
Era um reflexo d'intima tristeza!
Elle, ufano co'o effeito do improviso,
Não calculou que a languida belleza
Só tinha em mira, como mãe sollícita,
Marcar-lhe um termo á natural viveza!

Foi larga a discussão. Na despedida,
O nosso heroe, já meio convertido,
Prelibava as delicias d'outra vida
Nas maximas moraes que tinha ouvido
Ao anjo tutelar que a Providencia
Neste mundo lhe havia concedido.

Angelita pensou desde aquell'hora
Em ser a irmã do bello adolescente:
Doce irmã, carinhosa protectora,
Terna amiga, sincera confidente,
Alegre sol d'aquella aurora... ou antes,
Fresca aurora d'aquelle sol ridente!

No outro dia, inda apenas apontava
A manhã nos confins do firmamento—
(Caso raro!) já ella caminhava
De casa para a igreja; e, no momento
Em que ia a entrar no adro, deu de cara
Com Pepito, que a rua atravessava.

Estacaram os dois!—Que se daria?!
Porque motivo o moço alvoroçado
De manhã para casa recolhia?—
Isto disse ella a si. Maravilhado
Pensou Pepe tambem, vendo Angelita:
—A tal hora, e sósinha! Que seria?!—

Cobrindo o rosto co'a mantilha escura,
Ella subiu ao adro, e entrou no templo;
Elle seguiu apoz a formosura.
Quem não deve seguir um bom exemplo!
Naquella doce estancia respirava
Tal perfume de paz e de ventura!...

Oh! na aldeia o romper d'um dia santo,
Quando, depois do labutar agreste,
Vem o povo ao recinto sacrosanto,
Que de festivas galas se reveste,
Dar graças ao Senhor, erguendo supplices
As mãos cançadas de lidarem tanto!...

Traz esta o filho ao peito, e já crescida
Uma filhinha mais tem a seu lado:
Ao filho dá agora o sangue e a vida;
Á filha, seu desvelo e seu cuidado,
Com religioso amor, o pão do espirito,
Já que sempre o *pão nosso* Deus lhe ha dado!

É pobre o templosinho: nas paredes
Não se ostentam pinturas primorosas;
Como simples ornato, quanto vedes
São paineis de passagens angustiosas,
E no votivo altar algumas flores,
Tecidas em festões por mãos piedosas.

Fica num alto a igreja; em frente ao adro
Campeia o silencioso eremiterio.
Depois, no fundo do singelo quadro,
E envolto na saudade e no mysterio
Que respira dos funebres cyprestes,
Lá se descobre o agreste cemiterio!

Será como esta a ermida em que a elegante,
Como vimos, entrou? Não sei, leitora;
Eu julgava que via neste instante,
Co'as memorias da infancia encantadora,
A pobre aldeia, a igreja, os gratos sitios,
Que amei com tanto amor quando era infante!...

Angelita rezava, e fervorosa
Era a prece da pallida beldade.
Pepe mirava aquella fórma airosa,
Que via sem ser visto; e, na verdade,
Tambem subia em mysticos enlevos
A sua alma enthusiasta e religiosa!

A dama, por um leve movimento,
Deu co'a vista no moço penitente,
Que, entregue ás orações nesse momento,
Tinha tal expressão na ingenua frente,
Que Angelita sentíra compungido
Pulsar no peito o coração ardente!

Foi rapido esse olhar; mas prolongado
Um suspiro nos labios lhe expirára!
O pranto cristalino e conglobado,
Tremendo á flor dos olhos, scintillára
Como orvalho na flor, celeste orvalho
No botão que inda mal desabrochára!

A missa terminou. Quando saíra
Do sagrado recinto a Consuleza,
Pepito, que de proximo a seguíra,
Estendeu, co'a notavel gentileza
Que lhe era habitual, a mão á dama,
Que o recebeu calada e com frieza.

Ele ao pé da elegante proseguia;
Ella fez-lhe um aceno de cabeça
Com um leve sorriso d'ironia,
E, atravessando o adro a toda a pressa,
Deixára o nosso heroe como perplexo
Na incerteza de tudo quanto via!

Não poude elle atinar co'a circumstancia
Que levára aquella alma religiosa
A penetrar tão cedo nessa estancia;
E talvez que a leitora virtuosa
Me pergunte tambem porque Angelita,
Contra todo o preceito da elegancia,

Fôra tão matinal! Eis pois o caso:
No fim da discussão acalorada
A dama não dormiu, e, por acaso,
Quando vinha a romper a madrugada
Ouviu a voz do sino, e foi ao templo
Dos mais santos deveres inspirada.

E Pepe? esse não sei. Emquanto á bella
Sei que, vendo a expressão d'aquelle rosto,
Se anuviára tambem o rosto d'ella
Das carregadas sombras do desgosto,
E que o suspiro foi por ver Pepito
A tantos p'rigos neste mundo exposto.

Depois d'uma alluvião de pensamentos,
Qual d'elles mais moral, em certo dia
Resolveu-se a explicar-lhe os sentimentos
Que no seu coração por elle havia;
E com pasmo o hespanhol ficou sciente
Que Angelita casal-o pretendia!...

—«Posso saber com quem, minha senhora?»—
Disse o moço espantado da proposta,
Espanto que em seguida maior fôra
Vendo que ella hesitava na resposta.
A dama replicou por fim sorrindo-se:
—«Silencio! não convem dizel-o agora.»—

Isto era em Sitiaes; e, nesse instante,
Chegava ao pé dos dois aquella ingleza
Que, namorando a aurora fulgurante,
Como ella toda graça e gentileza,
Nós vimos á janella, quando Pepe
Triumphante voltou de certa empreza.

Não sei como, por toda a sociedade
Corria a nova de que o nosso addido,
Namorado d'incognita beldade,
D'improviso se havia decidido
A casar; mas o nome da formosa
Inda ao certo ninguem o tinha ouvido!

O marido de Herminia assegurava
Que não havia tal, emquanto o esposo
Da nossa Consuleza protestava
Que o moço, confidente affectuoso
Da esposa, lh'o affirmava... E neste ponto
Levantou-se um debate caloroso.

Discutiam accezos qual teria
Mais direitos á estima de Pepito.
O fogo da contenda recrescia;
E o diplomata emfim soltára um dito,
Que o seu rival tomou como insultante,
Resultando d'ahi grave conflicto.

O offendido em seguida procurou
O andaluz para seu representante;
Pouco depois o diplomata entrou
Em casa do mancebo, e, triumphante,
Descrevendo os motivos da pendencia,
Para ser seu padrinho o convidou!...

O hespanhol, nessa triste conjunctura,
Atirou-se ao papel de medianeiro,
Levando o caso co'a maior finura,
Para ver se escapava do aguaceiro,
Que annunciava naufragio de ridiculo
Se elle não fosse um habil marinheiro.

Conheciam os dois na perfeição
O codigo francez do desafio;
Porém Pepito não sabia então
Quantas coisas a França, no seu brio,
Aconselha que faça um pobre homem
Para sair-se bem d'uma questão.

O ponto dado era a palavra: *Mente.*
Sendo a palavra dita *nua e crua*
Ha duello de morte em continente;
Porém quando o aggressor emfim recua,
E diz: *Menos verdade*, nesse caso
No circumloquio o insulto se attenua.

O rumor do duello começava
A espalhar-se por toda a sociedade;
E justo quando Pepe terminava
De reatar os laços d'amizade
Entre os dois litigantes, toda a gente
O fatal desafio proclamava.

Aos ouvidos da timida Angelita
Chegára pois a nova desastrosa;
Ao sabel-a tambem, Herminia afflicta
Escrevia agitada e pressurosa
Ao nosso heroe, pedindo o seu auxilio
Para acabar co'a scena escandalosa.

Na carta percebia-se o despeito,
Ou antes, o ciume concentrado
Que sentia no intimo do peito,
Por ouvir que Pepito era accusado
De ser no fundo causa do conflicto
Que produzíra tão estranho effeito.

Ao mesmo tempo, a Consuleza amavel
Num bilhete ao mancebo encarecia
O estado d'anciedade insupportavel
Em que a nova a deixára, e lhe pedia
Que viesse sem falta a casa d'ella,
Onde alguem nessa noite recebia.

Com pasmo singular, os circumstantes
Que á *soirée* do Consul concorreram,
Conversando num grupo d'elegantes
O diplomata emfim reconheceram,
E escusado é dizer que sobre o facto
Não raros epigrammas se fizeram.

Exaltando a prudencia de Pepito,
No gracioso semblante, que sorria,
Tinha Angelita de tal modo escripto
Quanto o seu coração lhe agradecia!...
Herminia, ao perpassar, notou, leitora,
Que era talvez de mais essa alegria!

Se o duello da tarde terminára,
Depois d'explicações, em santa paz,
Outro duello á noite começára;
E o combate era accezo e pertinaz,
Não no cruzar dos ferros, mas no fogo
Das palavras, do olhar, do gesto audaz.

Como já disse, Herminia reparou
Na alegria da dama, e d'improviso
Aquelle bello rosto se anuviou.
Tambem nos labios d'ella houve um sorriso,
Mas de tal ironia, que Angelita,
Baixando os olhos negros, descórou.

Depois com altivez tornou a erguel-os;
Outros olhos nos d'ella se cravaram,
Olhos mais negros, e talvez mais bellos,
Que por entre as pestanas fuzilaram,
Como á noite o relampago rasgando
As nuvens que no ceo se conglobaram.

Bella, gentil, sorrindo, e luminosa,
Como desponta a estrella da bonança
Por entre a tempestade pavorosa,
Veiu, nuncia de paz e d'esperança,
Respirando innocencia, a nossa ingleza
Suspender a tormenta procellosa.

Naquelle meigo azul que scintillava
Nos castos olhos da infantil menina,
O clarão d'uma aurora fulgurava!
Pepito, vendo a candida Adelina,
Deu-lhe o braço, e depois para o piano
Conduziu essa rosa peregrina.

Reuniram-se em volta as elegantes,
Por quem o nosso Pepe fôra instado,
Co'as palavras e gestos mais tocantes,
Para dizer uns versos; e inspirado
O andaluz recitára este episodio,
Talvez naquella hora improvisado:

No baile

Entrei no baile, quando a valsa rapida
Corria as salas em airosas voltas!
Das leves roupas, transparentes, soltas,
Que doce aroma se esparzia no ar!
Parei mirando aquellas frontes candidas,
Que se animavam d'alegrias loucas,
Amor calando nas graciosas boccas,
Amor dizendo no inspirado olhar!

Corria a valsa, recrescia o jubilo!
Era um delirio a rumorosa festa!
Ó Deus! que imagem, que visão foi esta,
Que formosura, que mulher, ó Deus!

Lá vai, lá foge! Na passagem celere
Mudou-se um pouco aquelle rosto altivo:
Vi-a cobrir-se d'um rubor mais vivo,
Volver os olhos procurando os meus!

Volta, suspensa sobre os braços tremulos
Do par ditoso, que o salão percorre;
Nos doces ecos a cadencia morre;
Cessa o delirio do girar febril!
Parou sorrindo! de seus olhos languidos
O azul celeste resplandece agora,
Como aos lampejos da punicea aurora
O ceo resplende no florído abril!

Ella num baile! Esta visão etherea,
Vi-a; mas como, em que logar, e quando?
Quando? uma tarde, em que o perfume brando
Da primavera respirava no ar.
Como? cingida d'essa luz suavissima
Que o sol derrama ao expirar do dia.

Onde? na margem onde o mar batia,
E ella em silencio contemplava o mar!...

Porém de novo o seu olhar, volvendo-se,
O meu procura com profundo affecto;
O seio virgem lhe palpita inquieto;
De novo a valsa no salão rompeu!
A valsa! a valsa! d'esta vez, sorrindo-me,
Nos meus seus braços com ternura enlaça:
Assim o archanjo neste mundo abraça
O venturoso que transporta ao ceo!

Findára o baile. No horisonte limpido
Vinham reflexos de manhã formosa;
Mais inspirada aquella voz saudosa
Disse:—«Sou tua, meu serás tambem!»—
E ante as estrellas que brilhavam timidas
Vendo os alvores do nascente dia,
O que eu jurava, o que ella emfim dizia,
Ninguem o disse, nem jurou ninguem!...

A voz, o gesto, a graça, o sentimento,
Com que Pepe estes versos declamára,
Oh! que impressão não fez nesse momento!
Angelita de subito córára,
Emquanto a nossa Herminia como um lyrio,
Ou mais pallida ainda, se tornára!

Numa estrophe em que o moço descrevia
Os olhos da visão fascinadora,
Como vimos ha pouco, elle dizia:
«O azul celeste resplandece agora;»
E nas pupillas da formosa ingleza
Um purissimo azul resplandecia:

Azul do alvorecer, illuminado
Por um raio de luz! e, nesse instante,
Tambem naquelle seio immaculado
Despontava risonho e scintillante
O grato sol do amor, clarão propicio
Que lhe inundava o juvenil semblante!

*

Herminia, a nossa estranha formosura,
Que singular contraste apresentava!
Nos olhos, negros como a noite escura,
De quando em quando um raio faiscava,
Fulgor sinistro do mortal ciume
Que no gesto minaz se lhe pintava!

A valsa! aquella valsa! Infelizmente
Passou-se muito mais! A ingenua ingleza
Escolheu para doce confidente
A propria Herminia, e teve a singeleza
De contar que de tarde recebêra
Os versos do hespanhol occultamente!...

Herminia não tremeu: ergueu-se altiva,
Passada a confidencia, e retirou-se.
Adelina ficára pensativa.
Depois o nosso heroe aproximou-se
Pedindo-lhe uma valsa; mas a ingleza
Poz os olhos no chão... e recusou-se!...

Quando os ergueu, as gotas cristalinas
Rebrilhavam nas palpebras mimosas;
E as faces, que eram rosas purpurinas,
Lyrios eram depois em vez de rosas:
Lyrios por onde o orvalho, estremecendo,
Se convertia em bagas diamantinas!

—«Recusa?! que lhe fiz?»—disse Pepito,
Reparando na subita mudança.
Bastou, leitora, este singelo dito!
Um raio d'alegria e d'esperança
Resurgiu outra vez naquelle rosto,
Que ha pouco vimos contrair-se afflicto!...

Assim passam na fresca primavera
As nuvens do aguaceiro repentino;
O sol, que por momentos se escondêra,
Já brilha no horisonte cristalino,
E as flores do vergel, por entre as lagrimas,
Riem do susto que no prado houvera.

Herminia?... Essa partíra em continente;
Porém, ao perpassar, fizera um gesto,
Que o mancebo entendeu perfeitamente:
Era o solemne, era o formal protesto
D'acabar para sempre aquelle encanto,
Rompendo os laços d'um amor funesto!

Lograria fazer o que jurára?
Não sei. A doida valsa proseguia;
Pepito, que um momento se turvára,
Agora já não via nem sentia
Senão esse ideal de formosura
Que nos convulsos braços comprimia.

E ella feliz, risonha, embevecida
Toda no seu amor, tambem julgava
Que o ceo, o proprio ceo, era esta vida!
Candida virgem que no mundo entrava,
Teria no futuro o mar tranquillo,
Como esse em que ella agora navegava?

Imprevisto, terrivel, decisivo,
Fôra o golpe que Herminia recebêra;
E de repente aquelle genio altivo,
Pisado em seu orgulho, resolvêra,
Como dissemos já, romper os laços
D'um amor que em traição se convertêra.

Eis a carta, leitor, que ella escrevia;
Quatro linhas; estilo sentencioso:
—«A tua nobre mão salvou-me um dia,
Para depois (ufana-te, orgulhoso!)
Me despenhar da altura de meus sonhos
No abismo da traição! Que villania!...»—

Datou, sobrescriptou, e em continente
Fez tomar á missiva o seu destino.
Pepito abriu, e leu com voz tremente;
Correu-lhe um calafrio repentino
Pela espinha dorsal, depois mais outros,
Até que veiu emfim a febre ardente!

Ao mesmo tempo Herminia abandonava
Da fresca Cintra as solidões amenas,
E vinha para a côrte, onde esperava
Ir ver dentro de pouco a bella Athenas,
Se acaso o diplomata conseguisse
Um cargo, não sei qual, que ambicionava.

Logrou-se a pretenção; e, com effeito,
Alguns dias depois ambos partiam.
Ella sentia alvorotado o peito;
Mas nem um ai seus labios proferiam.
Ao silencio glacial do infido amante
O despeito e o furor se lhe accendiam.

Todavia, ao deixar o Tejo aurifero,
E descobrir os pincaros graciosos
D'aquelle sitio em cujo seio umbrifero
Víra correr em sonhos venturosos
Dias de tanto amor, como a tristeza
Se exprimia em seus olhos lacrimosos!...

Daria por voltar mais do que a vida,
Se pudesse dar mais, nessa anciedade
Do esmorecer mortal da despedida!
A terra, já no azul da immensidade,
Era qual nuvem tenue; o mar, um circulo,
Ermo, sombrio, immenso! Oh! que saudade!...

Adeus inda uma vez, formosa imagem!
Corre o navio com propicio vento;
Talvez possas emfim, noutra paragem,
Olvidar teu profundo sentimento.
Mas não! «o golpe que aniquila a esp'rança
Torna impossivel sempre o esquecimento!»

Voltemos outra vez ao nosso heroe:
Respondeu, apesar do seu estado,
E quasi em continente a carta foi;
Porém, dentro de pouco, o seu criado
Veiu, e trouxe a missiva, declarando
Que já ninguem na casa tinha achado!

A febre redobrou d'intensidade;
Sobreveiu um delirio assustador;
Tinha um caracter mau a enfermidade.
Poucas horas depois disse o Doutor
Que, progredindo o mal durante a noite,
Convocar uma junta era o melhor.

Com effeito a doença recrescia;
E disseram tres medicos notaveis,
Chamados á consulta no outro dia
(Depois dos cumprimentos mais amaveis
Trocados entre si) diversas coisas,
Que davam a entender que elle morria!

—«Pobre moço! ali só! sem os desvelos
Do affecto maternal!...»— Isto diziam
Mais d'uns labios; e mais d'uns olhos bellos,
Arrazados de pranto, ao ceo se erguiam.
Fizeram-se orações, grandes promessas...
Mas os fataes symptomas progrediam!

Houve crise. Angelita, desprezando
Isso a que o mundo chama *a conveniencia*,
Decidiu-se a ir vel-o; e, consultando
Apenas os dictames da consciencia,
Foi a occultas velar o pobre enfermo,
A santa caridade exercitando.

Com que alvoroço lhe batia o seio!
Desceu as rendas da mantilha escura,
E só, mas sem o minimo receio,
Embrenhou-se de noite na espessura
Que ia dar ao *hotel* onde Pepito
Jazia quasi ao pé da sepultura!

No fim do corredor sumida viu
Tremular uma luz. Naquelle instante
Gelar-se o sangue de terror sentiu.
Emfim por um esforço exuberante,
Filho da propria dor, tomára alento,
E seguíra com passo vacillante.

Á porta do aposento entrecerrada
Novamente parou. O moço enfermo,
Co'a lividez nas faces estampada,
Proximo estava ao derradeiro termo:
Profundo o respirar; a fronte inerte
Descaindo mortal sobre a almofada!

Formosa fronte, que pendia agora
Co'a pallidez glacial, mas peregrina,
Do lyrio que a procella rugidora
Açoitára no valle ou na campina!
Junto d'elle rezava aos pés d'um Christo
Um vulto feminil: era... Adelina!

Que poder singular lhe havia dado
Decisão para tal?! Oh! ella amava,
Com amor tão sincero e dedicado,
Que, na immensa paixão que a devorava,
No terror de o perder, aquelle espirito
Da criança infeliz tudo affrontava!

Angelita hesitára, vendo a ingleza,
Em penetrar no funebre aposento;
Mas naquella alma o instincto da nobreza
Era tal que vencêra num momento
A subita impressão do seu despeito,
Ou talvez do ciume violento!...

Correu, voou num impeto supremo
Para os braços da joven desditosa!
Ambas então naquelle lance extremo,
Com voz entrecortada e lacrimosa,
Aos pés do Salvador ergueram supplices
A mesma prece afflicta e fervorosa!

Passaram horas. A sensivel dama
Lançára um triste olhar de despedida
Ao mancebo expirante. A debil chamma
D'aquella melindrosa e fragil vida
Parecia acabar. Quando saía,
Angelita exclamou:—«Como ella o ama!...»—

Depois inda voltou sobre seus passos,
Inda outra vez a pallida menina
Com extremos de mãe tomou nos braços,
Dizendo-lhe a chorar: — «Que mão divina
T'o salve, e sê feliz!» — Banhada em pranto:
— «Oh! salvae-o, meu Deus!» — disse Adelina.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

JUN 5 1934

Impresso por Lallemant, frères

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 820 8